

A RUZ DA ABOCLA

Aparições, terror e mistério



Kalina Paiva



© Copyright 2025 de Kalina Paiva

Edição
Cleudivan Jânio
Simone Andrade

Capa, projeto gráfico e diagramação
Cleudivan Jânio de Araújo

Revisão
Anchella Monte

Imagem de capa e ilustração
Mario Rasec

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P168c

Paiva, Kalina

A cruz da cabocla : aparições, terror e mistério / Kalina Paiva ; ilustração Mario Rasec. - 1. ed. - Natal [RN] : CJA, 2025.
103 p. : il.

ISBN 978-65-88510-69-8

I. Contos brasileiros. I. Rasec, Mario. II. Título.

25-97467.1

CDD: B869.3
CDU: 82-34(81)



Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

09/04/2025 16/04/2025

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por quaisquer meios, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravações ou qualquer tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação, sem prévia permissão, por escrito, da editora.

Composto e impresso no Brasil - Printed in Brazil



EDITORA CJA LTDA - CNPJ 13.685.301/0001-48
Rua Justino Xavier de Souza, 2274 - Nossa Senhora de Nazaré - 59062-340 Natal/RN
cjaedicoes@gmail.com / www.cjaedicoes.com.br/ WhattsApp: 84 99953-5466

Dedico às contadoras de histórias que cantam sobre os ossos e atravessam o medo, dançando com a morte, sobretudo a maior delas, Alice Andrade, que me guiou pelas veredas do sobrenatural.

O mal é um ponto de vista.

Anne Rice

SUMÁRIO

Parte I – Passeios noturnos pelo Brasil - 09

A CRUZ DA CABOCLA	10
O CASARÃO AMARELO DA VIÚVA MACHADO	16
A MORADA DOS MORTOS	24
DOIS AMIGOS E UMA ENCRUZILHADA	29
O GUARDIÃO	38
A ENCOURADA	44
A SAMARITANA	47
O COLAR DE ESMERALDAS	55
A DAMA DO CASTELO	62
A VIAGEM	72

Parte II – Passeios noturnos pelo mundo - 77


A TAVERNA	78
O GRANDE SONO	85
Ó MÃE NOITE, ABRACE A MINHA ALMA... ..	89
O ÚLTIMO DIA DE UM HOMEM	94
CORRIDA EM PARIS	101



PARTE I

Passeios noturnos pelo Brasil

A CRUZ DA CABOCLA

uito além daquela duna que amarelece no horizonte, nasceu a cabocla das terras potiguaras. Seu primeiro som, um rugido. A cabocla com cheiro de água doce, nascida em alta madrugada, fora abençoada com uma beleza tão divinal quanto um mistério de encantamento que a Lua se escondeu constrangida por entre as nuvens, não voltando mais a aparecer até o novo ciclo. Por esse motivo, o pajé batizou a pequena de Jaci – encantadora como a guardiã da noite.

Aos 16 anos, para fechar seu corpo viçoso, a jovem tapuia foi iniciada em cerimônia na aldeia. Ganhou um totem do seu animal sagrado, para carregar como uma segunda pele. Ao sinal do meneio de cabeça do pajé, a mãe adornou o pescoço longilíneo da filha, agora uma mulher formosa.

Irmanados, os filhos da terra eram guiados pelo toré, quando o pajé partilhou a bebida de Tupã. Uma melodia tarairiú, cadenciada, regia o ritual, chamando os Encantados. Em um dado momento, os cabeças vermelhas, em vestes de palha, de forma circular, passaram a sentir o som dos maracás se amplificando junto com os tambores.

De repente, do som se fez um vórtice luminoso, apontando a viragem do clima. Debaixo da força da jurema sagrada, a jovem viu, com seus olhos de fera, algo que os mortais não podiam enxergar. Os maracás agora eram chocalhos de cascavel. Habitado pelos Encantados, aquele pequeno corpo sentiu uma vibração da terra, de onde emergiu uma serpente que esguichou veneno sobre seus olhos. Por trás de uma névoa que se dissipava, ela viu dois pedaços de madeira gigantes, dispostos de forma perpendicular, erguidos

no centro da aldeia, deixando o solo rachado. Sobre aquele colossal objeto, caía uma chuva de sangue. Ao pé dele, o corpo da sua mãe estendido. Em seguida, a terra pegava fogo, tangendo a jovem para longe, muito longe da aldeia. Diante dos seus olhos, uma estrada longa, estreita, ladeada por juremas, aparecia como única opção, por onde ela caminharia até sangrar os pés. Ao final da estrada, avistando águas doces e límpidas, levou as mãos à garganta, caindo antes de alcançá-las.

Atônita com a visão que tivera, ela rugiu, desfalecendo em seguida. Acordou duas horas depois, acalentada com as músicas de rezos, enquanto seus velhos e experientes irmãos dançavam, agradecendo a Tupã por ter fechado o corpo da mais nova iniciada e confirmado o seu totem de poder. Ela, contudo, invadida pela magia verbalizada que ouvia, não pronunciou uma palavra sequer. Confusa e mergulhada no profundo de si mesma, tentava entender o que vira.

Cerca de uma semana após o ritual, procurou o pajé, relatando a visão que, de forma vívida, estava em sua memória. O pajé acalmou todo aquele estado de excitação, convencendo-a de que ela havia completado a missão. Estava com o corpo fechado. Ensimesmada, a ãgûara que a habitava rugia com força, inquietando-a ainda mais. Contudo escolheu silenciar e se recolher ao aconchego de sua oca.

O tempo foi passando e ela, envolvida com a coleta dos frutos e da mandioca, passava seus dias dedicada a nutrir pessoas com todo o néctar extraído da terra, oferenda de Sumé ao seu povo. Aprendeu a sublimar a imagem daquele dia. Acalentada pelos afetos dos seus, sua memória se rarefez. Quando já estava se esquecendo, em uma noite de chuva fina, ouviu um pio de coruja. O som estava diferente: seco, abafado, mortal. Sentiu uma leve pontada na pelve e lembrou que desde o ritual ainda não havia sangrado. Aquela coruja acaso pressentia o dia do seu recolhimento? Olhou para o próprio ventre, um pouco abaulado, pensando: “Virá com a cheia da Lua.” Fechou

os olhos e já cochilando, ouviu um uivo de Anhangá que perturbou seu espírito. Demorou a dormir, mas conseguiu, embalada pelo barulhinho doce da chuva e o cansaço.

As cheias de Jaci chegaram junto com a Lua. Na ocasião, voltou a ter pesadelos com a visão que tivera no ritual iniciático. Conseguiu segurar o segredo por três luas... Não suportando as cólicas, a falta de sono, procurou o pajé, que providenciou uma cura xamânica. Amenizou, mas não cessou.

Dois meses depois, ela finalmente conseguiu dormir durante todo o período menstrual. Na noite em que seu sangue adormeceu para só voltar no ciclo seguinte, uma tribo inimiga à sua auxiliou tropas holandesas em expedição para invadirem o espaço. Àquela altura, o litoral das terras potiguares já tinha se transformado em Nova Amsterdã, custando dois massacres em Cunhaú e Uruaçu, regiões potencialmente açucareiras.

Jaci foi acordada pelo tapete de fogo que cobria a terra e as construções de palha, feitas com esmero pelo seu povo. Sobressaltada, rastejou pela fresta na lateral da oca e, debaixo de uma onda de calor, correu rugindo pela aldeia, em busca da mãe. Viu seus irmãos, ou pedaços deles, espalhados em meio a uma melodia crocitante de pássaros, homens, mulheres e crianças. A aldeia estava transpassada pela desumana mão dos holandeses. De repente, sua comunidade tornara-se uma fogueira gigante, um holocausto em sacrifício.

A ira correu pelo seu sangue. Continuou suas buscas até se deparar com uma enorme cruz fincada no coração da tribo, em frente à taba do pajé. Aos pés da cruz, sua mãe. Lembrou-se da visão, urrou, arranhou os próprios braços até que foi capturada por um caçara, aliado dos holandeses, que, apaixonado pela sua beleza, conduziu-a para um descampado, sendo detido pela milícia batava.

Assim que o tenente-coronel Hartman Godefrid Van Steyn-Gallefels pôs os olhos em Jaci, angustiou-se com a sua tamanha formosura. A paixão, como a loucura, o consumiu, movendo-o até

Jaci, que se esquivou temerosa. Nem as línguas nem os corpos se entendiam. O medo tomou conta dela e um desejo insanamente febril se apoderou da alma dele. Cravou seus olhos de fogo na pele da guardiã da noite e, sendo mais forte que ela, violou-a, laçando-a em seguida na sua tenda.

O tenente tinha o seu troféu e o levaria consigo. Atada, ela era um bicho atormentado pela dor, comunicando-se com uivos e urros. Como não ouvira sua intuição? Por que não salvara sua aldeia? Um descuido e tudo virou cinzas. Até a alma de Jaci. Foi levada cativa.

Passados dois meses, nada falava. O tenente buscava agradá-la a seu modo, pois dentro dele havia florescido um mórbido amor. Sem êxito, ele persistia incansavelmente no projeto de tornar Jaci uma dama batava. Seus atos pareciam ladainhas inúteis. Todos os dias, no mesmo horário, tentava sentá-la à mesa, ensinar os modos civilizatórios. Àquela altura, a tapuia já estava grávida. Descoberta a gravidez, decidiu instalar Jaci em um acampamento holandês sertão adentro, pois a condição da jovem a impedia de seguir com ele em expedição.

Tendo ele partido, no acampamento, ela resistia, aprendendo a língua do seu violador, demonstrando docilidade e, dessa forma, conquistando a confiança dos soldados. Pariu em noite de Lua a primogênita Janaína e, com o dia amanhecendo, seu corpo cansado trouxe à luz o gêmeo Moacir. Não tinha outra escolha a não ser esperar o seu corpo ter força novamente para agir. Resguardou-se.

Os dias caíam como conta-gotas. Aprendeu a cultivar a paciência. Nutriu os filhos. Restabelecida, encontrou uma falha na segurança e fugiu com os pequenos nos braços em um descuido dos soldados. Clamou a Tupã pela direção e obteve resposta. Lembrou da visão que tivera aos 16 e enxergou o caminho das juremas, rumo à costa sul. Quando deram falta, os soldados, à semelhança do exército de faraó, correram ávidos para capturá-la. Temiam mais o tenente do que o próprio Deus cristão. Contudo eram despistados

pelos Encantados, que deixavam falsos rastros, abrindo caminhos para que os algozes andassem em círculo. Os Encantados são os braços fortes do grande sertão, que abraçam os seus, escondendo-os debaixo de suas folhagens, unidas feito asas.

Jaci e seus filhos seguiam viagem protegidos. Os pés dela rachavam-se no solo seco, desgastado pela estiagem severa. Ainda assim, mesmo com a cabeça sob o sol, a beleza se negava a deixar aquela pele fumegante. Não era apenas uma mulher, era a força de mil sertões, guardando dentro de si a essência da liberdade agarrada a uma infinita vontade de viver.

Caminhou 40 dias e 40 noites, sem água e sem comida, porém nutrindo os filhos. Ao final desse período, debilitada, finalmente avistou umas casinhas esparsas, do ponto alto do matagal onde se encontrava. Era Peixe-boi, uma pequena comunidade ribeirinha. Chegando próximo a uma casinha sobre uma duna, perdeu as forças e, mais uma vez, clamou a Tupã.


Um morador que saíra para caçar, regressava para casa, quando percebeu a silhueta feminina curvada com dois filhos nos braços. Tão logo a viu, soltou seu alforje e a caça, correndo para socorrer a mulher pintada de sol. Já em completo devaneio, Jaci pediu para que lhe desse água. Olhou as plagas, viu o Rio Potengi e, em seguida, o vulto de sua mãe, a quem direcionou seu último sorriso. O caçador observou a indígena tombar no chão, com tanta sede diante do rio, abraçada aos seus dois filhos, como uma flor que murcha de repente. Moacir e Janaína já haviam deixado de respirar há 2 horas.

O caçador sentiu uma vertigem ao ver uma luminosidade solar mais incandescente que de costume. Um vento mais forte agitou as folhas de um frondoso cajueiro. Diante de si, contemplou as doces areias abraçando os corpos de Jaci e dos curumins, enquanto três vultos subiam aos céus. Enleado e maravilhado, ajoelhou-se. Depois, ergueu sobre o local uma cruz, demarcando o espaço que julgou ser sagrado diante do que presenciara.

Não demorou muito para correr pela região a notícia da morte de uma cabocla com os filhos nos braços. Tal fato atraiu peregrinos em busca de milagres, alcançados pelos que tinham fé. Embora não soubessem, aquela terra era sagrada, um cemitério indígena que abrigava os corpos de grandes guerreiros potiguares fugidos da seca, da peste e das guerras.

Até hoje, nas noites de Lua cheia, pessoas testemunham o vulto de uma mulher andando sobre as dunas, próximo ao frondoso cajueiro que medra e frutifica incansavelmente, alimentando os peregrinos em busca de milagres no Morro da Cabocla.

O CASARÃO AMARELO DA VIÚVA MACHADO

oda família carrega segredos e mistérios. A minha não é diferente. Decidi quebrar o silêncio sobre esta história que até agora manteve-se como um segredo de família. Meu avô, o senhor Adil, fez-me jurar que eu jamais a partilharia com alguém enquanto ele estivesse vivo. Como ele não está mais aqui, sou movida a fazê-lo, sob efeito de um cálice de vinho, do violino enfeitado de Paganini e da carta “a morte”, que tirei há pouco no tarot, dando-me o aval para o renascimento da história. Não vou levar este segredo para o túmulo. É um crime sepultar uma narrativa.

Ele já era um militar reformado quando decidiu se tornar corretor de imóveis. Fazia cálculos mentais e tinha uma noção espacial espantosa só de olhar um terreno. Era exímio conhecedor dos estilos arquitetônicos. Por causa de vovô, acabei me tornando arquiteta. Ele sempre repetia que a casa de uma pessoa é extensão de sua personalidade, e também dizia que somos perguntas em busca de respostas. Aliás, as narrativas que ele contava sempre apontavam para as construções e os vestígios de civilização deixados por elas, de maneira que recordo duas histórias: uma do folclore eslavo e outra que ele mesmo vivenciou.

Dos eslavos, quando estive em viagem, ele recolheu a história de Baba Yaga, uma bruxa que morava sozinha no meio da floresta, em uma casa apoiada sobre pés de galinha. Era uma casa que rodopiava numa dança saltitante. Em seu vasto repertório narrativo, vovô dava voltas e voltas ao mundo, mas sempre terminava aportando naquele casarão amarelo que sobressaía a olhos vistos da Mata Atlântica que o enfeitava ao redor.

Não conheci a minha mãe. Segundo meu avô, ela morreu no parto. Morávamos em uma casa humilde, mas bem equipada, na pequena Vila dos Guarapes. Nada nos faltava. Contudo, pelas modestas condições, não sei como a minha família conseguiu me sustentar no curso.

De nossa casa, podia-se ver a Igreja do Rosário dos Pretos, onde a minha avó ia todos os domingos e se sentia acolhida. Depois da Igreja Matriz, era o templo mais antigo da cidade, construído pelas mãos dos escravizados em 1714. Nem chamaria de templo, mas de espaço pioneiro da irmandade negra, devota de Nossa Senhora do Rosário. O que sempre me encantava era o cruzeiro, datado das primeiras décadas do século XVIII, apontando para uma tela pintada pela natureza, o pôr do sol sobre o Rio Potengi.

Aquela simplicidade fazia com que me sentisse em casa. Ao redor da igreja, as pedras que até hoje a pavimentam e são originais da época colonial. Quando criança, eu me referia à pavimentação como o *chão pé-de-moleque*, por se parecer com o doce de mesmo nome que vovó, a melhor quituteira da cidade, fazia para vender na quermesse. O amendoim misturado à rapadura era uma tradição de família. Nossos antepassados, forçados a vir para trabalhar no cultivo da cana-de-açúcar, sempre diziam que o quebra-queixo amenizava as amarguras e os castigos. Desse passado, só quero lembrar a iguaria feita pelas mãos de minha avó.

O templo, no início, fora bem menor. A ala lateral, junto com a capela de Bom Jesus do Martírio, foi adicionada em 1844. A sacristia e a torre foram acrescentadas depois, em 1904. Na infância, eu olhava para todas essas camadas e todos os vernizes da civilização sobre as paredes. Mal sabia eu que futuramente mudaria o modo de me referir àquele espaço, exigência da formação. O estilo rococó tardio externava, desde a fachada, críticas do neoclássico setecentista ao exagero barroco. Ossos do ofício! De dentro das minhas memórias e dos afetos, era a construção aonde vovó me levou para

bater cabeça pro santo, e isso era suficiente para eu sentir uma ancestralidade viva em mim.

Aos domingos, eu não gostava de ir à igreja, pois era como se o meu tempo com o senhor Adil fosse subtraído, já que, durante a semana, ele mal parava em casa. Pela manhã, o sol reluzindo no céu azul lá fora contrastava com o interior da igreja cuja má iluminação fazia eu me sentir acuada, ainda mais percebendo as criaturas esculpidas em madeira, quase rentes ao teto, como que observando lá do alto os meus passos, fuzilando-me com o olhar. Seriam aqueles seres oniscientes também? Será que eles enxergavam o meu pecado, a minha mentira que, confortavelmente, mantinha-me na cama por mais duas horas de sono? A pequena mentira que inventei para a minha avó parecia tão inofensiva numa escala de pecados...

Quando eu conseguia driblar o desejo de minha avó de me tornar uma criança beata, passava a manhã de domingo sentada ao lado do senhor Adil para ouvir as histórias que ele contava sobre a construção da Base Aérea, a presença dos norte-americanos em nossa cidade, os *blackouts*, e, depois dos volteios narrativos, o casarão amarelo que fora construído em 1910, seguindo um estilo art déco. Podia-se ver as (falsas) colunas e a (falsa) varanda destacadas naquele amarelo vivo que se mantinha incrivelmente preservado, destoando da estrutura ruínosa do outro lado da rua, a Igreja do Rosário dos Pretos, templo no qual estava impregnada uma herança colonial não somente nas paredes. O tempo não parecia passar da mesma forma para as duas construções...

No casarão amarelo, morava uma senhora, a dona Amélia Duarte Machado. Seu marido, o senhor Machado, comerciante português, adquirira a casa em 1920, onde também instalara aquela que se tornaria a principal loja da cidade. Eles amavam crianças, embora não tivessem filhos. Enriqueceram da noite para o dia. Foi o suficiente para que algumas beatas espalhassem que o casal tinha pacto com um espírito maligno. Quando, em 1934, o Sr. Machado

faleceu, deixando a senhora Amélia jovem e muito rica, herdeira de um império familiar que incluía muitas terras, as más línguas se encarregaram de julgá-la com más palavras pelas costas e, em sua presença, com o olhar.

Acuada pelo luto, a jovem viúva foi deixando de sair de casa. A igreja que ficava do outro lado da rua, antes por ela tão frequentada, logo percebeu sua ausência. Até as visitas de pessoas, posto que sua casa era reduto de festas quando seu marido era vivo, ela proibiu, cortando o cordão umbilical que existia entre a sociedade e seu lar. Concomitante a isso, crianças pobres começaram a sumir das redondezas, instalando-se um medo coletivo em cada núcleo familiar. Os mais abastados podiam pagar daminhas de companhia para seus filhos, mas, e quem não podia? Foi nesse contexto que pessoas da vila associaram os sumiços dos pequenos à reclusão da viúva.

Ninguém cogitava pensar que aquela mulher, em grande sofrimento pelo luto, estaria reclusa pela sua condição social? Que vida uma jovem viúva podia levar em terras potiguaras no final dos anos 1930 sem ser julgada? Se o medo é o pai do imaginário, seus netos são os julgamentos e as opressões. Assim, aos poucos, as pessoas passaram a temer uma mulher que mal saía de casa. Se bem que ela se achava beneficiária de uma paz inigualável. A solidão não era um problema para ela.

Enquanto o sumiço de crianças permanecia na vila, uma doença misteriosa acometera dona Amélia. Meu avô, uma das poucas pessoas ainda com acesso à casa da viúva, contou-me que, em dado momento, viu o estado dela. Nas raríssimas vezes em que saía de casa, era para contemplar as noites de lua cheia. Levava consigo um talismã em ouro, criado com base no ciclo lunar, nos signos do zodíaco, sobre o qual havia um rosto humano esculpido em baixo relevo - dispositivo usado para descobrir a melhor data para restaurar a saúde de um ser humano. Ela encomendara a um comerciante celta que a mantinha em contato com o comércio português. Em

seus passeios noturnos, a viúva usava um capuz e vagava pelas ruas da cidade como um vulto fantasmagórico até chegar à tamarineira, árvore debaixo da qual ela avistava a luz da lua, refletida no Rio Potengi. Suas saídas eram mantidas em segredo pela empregada e pelo meu avô que, inicialmente, a acompanhava.

Com o tempo, os banhos de lua mostraram-se eficazes à saúde da mulher cuja pele – embora a viúva envelhecesse – negava-se a enrugar. Começou a ir sozinha, ao sentir seu corpo mais fortalecido. No regresso desses banhos, passou a trazer pequenas caixas das quais exalava um cheiro forte e adocicado, de nota olfativa mais quente, levando-as para o quarto. Sem questionar, a jovem empregada observava o movimento e limpava o assoalho da cozinha, tarefa que cumpria com a fidelidade de um cão.

Anos se passaram, Natal cresceu e a senhora Machado, exímia administradora, consagrou-se como a mulher mais rica da região, triplicando sua fortuna. Doou terras para a construção do primeiro aeroporto que, depois de construído, recebeu o escritor Saint-Exupéry. Em estadia na cidade, o piloto francês jantou em sua casa. Na época, ele rascunhava aquela que seria sua obra-prima. Chegou a realizar um passeio espirituoso com a viúva, quando viu um baobá. Maravilhado, agradeceu à nobre senhora, a quem carinhosamente chamou *Le Petit Renard*. Assegurou que iria imortalizá-la como “aquela que sabe cativar” pela hospitalidade demonstrada.

Acontece que as pessoas de mesma idade que a viúva Machado envelheciam a olhos vistos, exceto ela, que conservava a juventude na pele. Nas raras vezes em que se expunha ao sol, o mistério sempre estava sobre ela, sob a forma de véus e chapéus que adornavam sua cabeça, despertando curiosidade nas pessoas que viam sua silhueta de longe. À noite, nas luas cheias, mantinha seus revigorantes passeios noturnos. Oculta pelas sombras, podia se desvencilhar dos véus e chapéus.

Uma certa noite, a que mudaria nossas vidas decisivamente, meu avô passava próximo ao casarão amarelo quando viu um vulto adentrar o local. Temendo pela segurança da viúva, há uns 20 ou 25 passos de distância, escondeu-se por entre uns arbustos para observar o movimento nas cercanias e interior do terreno. Percebeu uma silhueta feminina com enormes orelhas pontudas se sobressaindo de um formoso rosto de pele aveludada. A parte de trás da cabeça, contudo, contrastava com a beleza do rosto pela tamanha deformidade.

Temendo estar diante de uma ameaça, Adil aproximou-se até observar o ser com sangue vermelho vivo, viscoso, escorrendo por entre os dedos longilíneos, enquanto se fartava degustando gulosamente um coração pequenino. Lambia os dedos com uma ansiedade vibrante, como se provasse uma suculenta iguaria.

Apavorado com a cena que presenciara, vovô pisou em um galho, atraindo para si a atenção da criatura, que girou o tronco e mirou os olhos nele. Ambos se assustaram. Ele por achar que seria uma presa. Ela porque, flagrada, teve sua identidade descoberta. No susto, a predadora soltou o pequeno pedaço de tecido cardíaco que estava prestes a ser deglutido. Adil correu de volta para casa, atônito, chegando esbaforido, sem conseguir dar forma verbal ao que vira. Como explicaria tudo aquilo à família? Finalmente, organizada a confusão mental que se instalara em sua cabeça, verborragicamente contou os fatos, sendo interrompido por um ataque fulminante do coração, quando estava prestes a revelar a identidade da criatura.

Naquele instante, um misto de ódio, revolta e vingança se apoderou de mim. Não era justo meu avô pagar aquele preço por reviver aquelas memórias. Eu estava com um problema nas mãos: descobrir quem seria a pessoa que devorava o coração de crianças na vila. Por causa dela, perdi o meu norte. “Não há histórias sem narrador”, eu pensei entre os soluços perante a morte do senhor Adil.

No sepultamento do narrador, senti falta da personagem lendária mais rica da cidade, a quem meu velho devotou tanto zelo enquanto viveu. Mas o que, afinal, eu estava fazendo? Melhor do que esperar méritos humanos é cair na real. O mundo não é um exemplo de gratidão e eu não precisava de mais motivos para a tristeza.

Passados os ritos fúnebres, comecei a elaborar meu estratégia, já que era impossível ter meu narrador de volta... Combinei com vovó e com o grupo de teatro da igreja para apresentarmos uma peça na quermesse. Eu sabia que aquela festa reuniria todos os moradores da cidade. Assim, convenci os atores da companhia a contarem a *lenda do coração da Lua*. Segundo a lenda, a pessoa que comesse o coração de uma criança narradora de histórias alcançaria a tão procurava juventude. Instruí-os para mostrar o dia a dia de uma cidadezinha (a nossa, no caso) até chegar à cena em que um morador antigo, responsável pela segurança da cidade, flagraria uma mulher que devorava o coração de crianças na busca do que pulsasse no peito de um infante contador de histórias. Na hora certa, eu dramatizei lá da plateia (isso só os atores sabiam), gritando quando revelada a identidade do monstro, demonstrando medo e abraçando a minha prima, jurando que iria protegê-la com a minha vida. Houve histeria na plateia nesse momento do espetáculo. Não foi a melhor ideia usar a inocente como isca. Mas, àquela altura, eu só queria capturar a criatura predadora que se alimentava das crianças no lugarejo.

Percebi a presença da viúva Machado na plateia. Há cinco anos, com a saúde restabelecida, ela passara a sair de casa uma única vez ao ano: na noite de 23 de outubro, para ver a festa da padroeira. A mulher perturbou-se, levantou-se, indo embora apressadamente. Meu olhar atemorizado ligou o alerta em minha avó.

Depois daquele acontecimento, vovó passou a sonhar com o narrador Adil pedindo-lhe justiça pelas crianças. Em sonho, vovó bradava o nome da criatura. Como não paravam de acontecer, vovó

resistia ao sono. Com isso, foi adoecendo, adoecendo... até definhar no leito de morte. Antes de partir, segurou a minha mão, deixando-me um pedido: ir até a minha verdadeira mãe, que morava no casarão amarelo, pois lá eu teria respostas. Vovó me deixou, apontando para a carta da morte sobre a mesa de cabeceira.

A MORADA DOS MORTOS

“Intuições são suas ancestrais soprando nos seus ouvidos segredos de sobrevivência”

Ryane Leão



termômetro marcava 40° de febre quando ela mencionou que estava ouvindo um bebê chorando sem consolo, e reclamou do cheiro de alecrim que não se dissipava do ambiente. A dor de cabeça martelava seus miolos, pressionando insuportavelmente sua resiliência, minando sua sanidade, perturbada pelo aroma característico.

É fato que uma fragrância, por mais agradável que seja, torna-se insuportável quando associada à memória de experiências desagradáveis. Que o digam os sobreviventes da ditadura de 1964. Antes de serem torturados pelo Departamento de Ordem Política e Social, DOPS, alguns chegavam a se urinar só de sentir o cheiro de cedro que se desprendia do corpo do carrasco escalado, tomando conta dos corredores onde aconteceriam os atos desumanos. Aquele odor indicava o tipo de tortura a ser feito. O de cedro indicava que besouros e baratas seriam introduzidos na garganta dos torturados. O de jasmim, os eletrochoques.

A irmã gêmea, Aurora, e a avó Almerinda amparavam Agnes com antitérmicos e compressas frias, ouvindo apenas o silêncio que emanava daquele bairro comercial, pois já passava das 20 horas, imaginando que o cheiro desagradável sentido pela jovem enferma em delírio só podia advir da localidade onde acontecia a tradicional feira da cidade. Era a terceira crise só naquele mês.

Não havia criança. Não havia alecrim. Tudo naquele bairro, cujo nome era homônimo ao da planta, apontava para o passado: as pessoas, as construções pintadas pela fuligem do asfalto, enfim, os

traços arquitetônicos das casas – que remontam a um tempo levemente posterior à formação da cidade.

Criado em 1911, porém oficializados os seus limites em 1947, o Alecrim recebera esse nome como homenagem a Donana, uma parteira experiente, versada na arte das ervas e em misticismo, conhecida pelos primeiros moradores por sempre vagar pelas ruas ofertando um ramo dessa planta a todos os cortejos fúnebres que passavam por ali. Era melhor do que o nome anterior: *A Morada dos Mortos*.

Em seus primórdios, lá pelo século XIX, a localidade teve, antes de qualquer casa, um cemitério construído – o que, de certa forma, não deixa de ser uma morada para descansar os corpos daqueles que lutaram em vida. Por ser bastante afastada da antiga Natal, a morada dos mortos causava arrepios no imaginário das pessoas, uma vez que estava localizada ao final de uma ladeira que, por motivos misteriosos, afugentava boa parte dos que seguiam algum préstito. Dessa maneira, só chegavam até lá os parentes do morto e alguns poucos agregados.

Alguns moradores da antiga Natal, em geral os avós, repassavam para seus descendentes uma história que nunca fora solucionada a respeito daquela pequena região dos mortos. Ouvia-se um choro inconsolável de um recém-nascido na parte externa do cemitério. Entretanto não havia moradores com bebês nem crianças pequenas no entorno.

Um século se passou. O vagido, porém, ecoou, atravessando o tempo e o crescimento urbano, por entre as granjas, os casebres de taipas até chegarem às construções de alvenaria. Agora continuava nos ouvidos febris de Agnes. Por que ela?

A frente do imóvel estava construída na direção norte, apontando para o comércio, para o Rio Potengi e para o cemitério. Seu falecido avô o comprara em um leilão pelo seu atrativo valor e pela praticidade de sua localização. Na parte da frente, ficavam os ne-

gócios, garantindo o ganha-pão da família; já na parte de trás, os membros do núcleo familiar residiam.

Enquanto Agnes só apresentou febre, a avó Almerinda achava que tudo era provocado pelas suas repetidas crises de garganta. Era caso cirúrgico, certamente. Contudo, quando os delírios começaram a aparecer de forma frequente, a idosa passou a se preocupar. Afinal, aqueles sintomas eram seus velhos conhecidos e não suportaria ver mais uma mulher da família falecer. Era viúva e cuidava dos negócios e das netas órfãs de mãe e pai.

Quando a febre pareceu ceder, puseram-na em uma cadeira para respirar ar puro, nos fundos da velha casa, um sobrado com muitos cômodos que dava para uma rua fechada. Almerinda e a gêmea Aurora estavam exaustas por ficarem sempre como sentinelas, entre os cuidados com a doente e a atenção com a loja. Agnes as dispensou para que se alimentassem, assegurando que estava bem. Acometidas pelo cansaço, a avó e a gêmea adormeceram no sofá da sala.

Sozinha, Agnes nem percebeu a alta madrugada chegar. Aproveitara para escrever, sua atividade diária nos intervalos das crises.

De repente, percebeu o vulto de uma mulher pequena, encurvada, vindo em sua direção com um sorriso estampado no rosto, naquele espírito velho. Ela carregava uma cesta com alfazemas e aproximou-se da jovem pelo lado externo do gradeado. Agnes perturbou-se, mas a senhora falou que não tivesse medo, pois estava ali para uma pequena missão. Disse ter ouvido o chamado de Agnes, quando esta pediu ajuda em decorrência do insuportável cheiro de alecrim. Naquele instante, a alfazema cumpria o seu papel de acalmá-la, mas não por muito tempo.

“É impressionante a sua semelhança com Nazinha” – disse a velha, perscrutando Agnes com os olhos, sem revelar seus reais sentimentos para com a bisavó da menina.

A semelhança entre bisneta e bisavó, que não se conheceram em vida, era notável: o fenótipo, a modulação na voz, até o jeito específico de cruzar as pernas, balançando-as quando estavam nervosas. Ainda fragilizada pela crise de garganta, não atentara para os rumos daquela conversa. Ela queria livrar-se da velha. Naquele instante a anciã atrevia-se a perguntar: “Você ouve algum som diferente nesta casa, jovem?”

Sentindo a acidez comer as paredes do seu intestino e achando que sua resposta faria com que se livrasse facilmente daquela presença, Agnes respondeu: “Sim, eu ouço um vagido ininterrupto atravessando os meus ouvidos. A febre só me faz ouvi-lo mais alto”.

“Você acaso conhece a história desta casa?” – perguntou a senhora, em um tom amedrontador.

Agnes sentiu o sangue fugir-lhe do rosto. Sempre teve medo de histórias trágicas e não estava acreditando que um ano após perder a mãe de forma dramática receberia uma notícia ruim sobre a casa que o avô comprara com tanto sacrifício e deixara como herança.

Antes que ela ensaiasse alguma resposta, a mulher prosseguiu: “Aqui, há muitos e muitos anos, funcionou uma casa clandestina de aborto. Onde você dorme?” – perguntou, aproximando-se das grades.

Agnes encolheu-se na cadeira, apenas apontou para o lado, sentindo a febre voltar, enquanto a mulher descrevia o cômodo com a exatidão de um engenheiro que conhecia bem o seu próprio projeto: “Era no seu quarto onde os anjinhos eram arrancados dos úteros de suas mães. Agora vem a parte mais importante da nossa conversa: eu perdi uma filha neste quarto, pois ela foi trazida para cá. Ela era jovem, engravidou e não queria que o pai descobrisse. Foi trazida para cá pelas mãos da melhor amiga”.

Agnes tentou chamar a avó Almerinda, mas sentiu suas forças estranhamente minadas. Não tinha voz e nem conseguia se mo-

ver na cadeira, enquanto a mulher com olhos de fogo os mantinha fixos sobre ela, prendendo-a com amarras invisíveis.

“Sabe quem era a amiga da minha filha? Sua bisavó. Dediquei a minha vida a trazer crianças ao mundo, enquanto vi as mãos de Nazonha levar embora minha filha e meu neto. Enterrei-os. Morri por dentro e passei o resto dos meus dias ofertando alecrim para que os deuses tivessem piedade de mim, levando-me ao mundo dos mortos, onde eu queria estar ao lado da minha filha. Contudo o choro do meu neto atravessou este bairro por um século, prendendo a minha alma a esta terra como um alecrim, depois que morri. Minha alma nascia rente às calçadas, em cada folhagem. Tentei quebrar esse ciclo levando a sua mãe, mas ela não adentrou o mundo dos mortos pelas minhas mãos, e sim pelas próprias. Hei de cumprir minha missão, depois de tanto vagar. Uma alma só descansa quando sangue é vingado com sangue” – disse a mulher, girando os braços na direção da casa.

Um vento de morte adentrou a casa, sacolejando Almerinda e Aurora adormecidas no sofá, cansadas dos dias de batalha. Elas correram em direção às grades que rodeavam o alpendre, abraçaram o corpo de Agnes ainda com vida, tentando protegê-la de alguma forma. O espírito velho em forma de névoa só era visto pela moribunda, que arquejava e, aos olhos de sua irmã e avó, ela conversava com o nada.

Passada a ventania, ao lado de Agnes, sem vida, estava um ramo de alecrim. A irmã gêmea, Aurora, recebia os primeiros raios de sol enquanto lia um poema deixado pela metade. Era uma elegia que louvava os mortos da família e finalizava a lista com o nome de Agnes.

Nunca mais se ouviu um vagido de criança no bairro. Apenas o ruído dos automóveis que passavam despejando fuligem por entre prédios e casas antigas.

DOIS AMIGOS E UMA ENCRUZILHADA



urante a infância e adolescência, gostava de ler e ouvir histórias, fictícias ou não, sobre pessoas em torno das quais as opiniões se dividem: Robin Hood, lendário arqueiro das matas cuja identidade alguns atribuem a Jaz Robert, e Lampião, o Rei do Cangaço. Em minha meninice, ficava me perguntando, ao olhar para a imagem de cada um deles: fora da lei ou benfeitor? A verdade é que, embora tenham vivido em épocas e culturas distintas, meus personagens preferidos mantinham elementos comuns e atemporais que os uniam: eram larápios das elites, amenizadores da miséria humana, fugitivos que, estrategicamente, abandonavam as vias conhecidas da cidade para se esconderem nas matas. E como já é de se esperar, tinham suas cabeças postas a prêmio.

É aí que minha história de vida se mistura às narrativas que eu lia quando menino. Uma coisa é conhecer a história do outro de um ponto privilegiado, outra é fazer parte dela enquanto se desdobra. A vida não é preto no branco. Entre um tom e outro, há inúmeros subtons. E o cinza não é minha cor preferida.

Quis a vida que eu fosse amigo de infância de Valdetário Carneiro, o homem que se tornaria o maior ladrão de bancos do Nordeste, ganhando a alcunha de Novo Cangaceiro. A ironia da vida: eu me tornei policial.

Nossas famílias mantinham vínculo de amizade desde sempre. Me lembro dos pais dele com certo saudosismo, pessoas simples que ajudavam a comunidade com suprimentos e um sopão feito toda sexta-feira, para ser entregue aos desvalidos e quem mais desejasse se alimentar. Filho único de seu Luís e dona Antônia, re-

cebeu educação e sempre foi ensinado a ser justo com as pessoas. Como também me chamo José, os vizinhos passaram a se referir a ele como Val. Crescemos, e ele, autodidata que era, começou a desmontar e remontar carros. Essa habilidade fez dele o melhor mecânico do Alto Oeste Potiguar. Depois especializou-se nisso, e Caraúbas, sua cidade natal, ficou pequena demais para o meu amigo.

Vimos para Natal, cada um seguindo o seu destino: eu me tornei policial militar e ele um grande mecânico, tempos depois posto atrás das grades por um roubo que não havia cometido. Foi assim que nossas histórias se bifurcaram, ao mesmo tempo em que se enroscaram feito garfo num macarrão. Eu estava do lado de quem segura as chaves da cela; ele do lado de quem espera a oitiva de testemunhas. A verdade é que as grades sempre foram uma membrana fina entre nós.

No Departamento, ninguém sabia que éramos amigos. Fui incumbido da tarefa de levá-lo do cativo temporário para a oitiva. Na cela, longe dos olhares curiosos, tivemos uma conversa de irmãos. Ele me garantia que estava sendo acusado injustamente. Tentei explicar a minha posição, assegurando que faria o que pudesse para soltá-lo. Acreditei no meu velho amigo.

Naquele tempo, a tecnologia não se mostrava tão eficaz quanto hoje. O próprio sistema podia ser usado para incriminar alguém e ele não tinha um alibi. Fosse hoje, talvez a história tivesse um desfecho diferente...

“Me tira daqui, Zé. Eu não tive nada a ver com isso” – pediu-me Valdetário.

“Como diabos você se meteu nisso, Val?” – perguntei na força do impulso. Na verdade, ele não me devia explicações. Um amigo de verdade não precisa delas.

“Armaram para mim, Zé” – respondeu com um olhar angustiado de quem estava submetendo os pais à maior vergonha de suas vidas. Eu conhecia aquele mesmo olhar, quando ele aprontava e era

chamado atenção por dona Antônia. Então, na força da amizade e das boas memórias, eu o soltei.

“Val, você gastou seu réu primário. Fica longe de problemas!” – falei como amigo, deixando em segundo plano a farda e o juramento de proteger pessoas, dada a presunção da inocência dele. Mesmo assim, também estava ciente de que eu não tinha o poder de protegê-lo de si mesmo.

Não durou muito tempo para que Valdetário voltasse a ser preso. Eu estava de férias e soube pelos jornais. Pedi aos meus superiores a suspensão imediata das férias e voltei à delegacia de polícia no dia seguinte para ter uma das conversas mais tensas da minha vida. De um lado, minha amizade com ele minguava; do outro, o dever crescia, martelando em minha mente o meu compromisso com a sociedade pela qual jurei zelar. O momento em que um policial precisa afastar-se de um caso é quando ele se sente dividido. Eu não podia fazer vista grossa. Estava no limite da ética e diante de um reincidente.

“Valdetário, chegamos à encruzilhada das nossas vidas. Não tenho condições de seguir com isso. Outro colega foi nomeado para dar andamento ao seu caso. Provavelmente você responderá pelo que fez. Desta vez, preso. Lamento por você. Da minha parte, garantirei que seja bem tratado pelo sistema prisional” – desabafei honestamente com ele.

“Pare e pense um pouco, delegado. Fui acusado de roubar o motor de um carro. Você sabe como ninguém que, se eu quisesse um motor, eu mesmo montaria. Carros em minhas mãos são um brinquedo. Armaram de novo para mim. Este país é mesmo uma piada. Enquanto tem gente roubando milhões em Brasília, eu estou aqui, tendo meu nome jogado na lama por causa de um motor. Tudo bem, José, eu entendo. Mas saiba que, se eu for condenado, cumprirei a minha pena, ao mesmo tempo em que sepultarei José Valdetário Benevides para fazer surgir Valdetário Carneiro e este estado

nunca mais será o mesmo depois da minha passagem” – disse-me com a devida convicção de quem faz um pacto com o demônio.

Ao deixar a prisão, ele ainda tentou se resguardar por um tempo, período em que recebeu convites para realizar assaltos a bancos. Estrategista que era, trilhou por um caminho sem volta: montou sua própria quadrilha, envolvendo primos e amigos, deixando sua assinatura por onde passava, um rastro de destruição nos patrimônios que assaltava. Nascia uma lenda que dividiria a opinião das pessoas ao meio. Estávamos de lados opostos. Assim, começou uma caçada de gato e rato.

Fui convocado para uma reunião com o governador e o secretário de segurança pública. “Não é possível que isso continue assim. As eleições estão chegando e minha campanha depende disso! Valdetário é um homem, mas para essa corporação parece uma agulha num palheiro. Ou vocês tomam providências, ou haverá exoneração de cargos!” – bradou o governador, batendo na mesa e nos ameaçando.

Custava-me acreditar que com seus 52.797 km², o Rio Grande do Norte alcovitava um assaltante desse calibre. Ocorreu-me pensar naqueles tempos difíceis... Faces da mesma moeda, se tínhamos voltado ao coronelismo com compra de votos e formação de curral eleitoral, era natural voltarmos ao cangaço, desta vez com armas de fogo mais arrojadas. A população passava fome e não havia perspectiva de trabalho na zona rural. Tudo estava quente: a terra, as pessoas, as eleições e o banditismo.

Nas fugas, Valdetário se embrenhava mata adentro como se ela o engolissem por completo. Nenhuma pista, nenhum sinal da presença dele, nenhum morador sabia informar. Nesse período, as línguas começaram a espalhar que ele tinha parte com o diabo. Para mim, que padeço do mesmo mal que São Tomé, a hipótese que levantei: ele estava pagando pelo silêncio das pessoas. À medida que elas começaram a ter um poder de compra melhor em regiões muito pobres, suspeitei. Mas como não tinha provas sobre isso, não

levei adiante. A miséria era tanta que não achei que faria mal fechar meus olhos para o bem que ele levava aos necessitados, caso isso fosse verdade.

Os assaltos continuaram de forma imprevisível em cidades pequenas, cuja segurança se restringia a um delegado e um soldado. As paredes das agências bancárias nas cidadezinhas pareciam peneiras de tanto buraco de bala. Sem falar nas explosões.

O tempo passava, Valdetário tinha êxito junto com a fama que crescia e se espalhava, e a polícia andava desacreditada pelos jornais. Isso enfureceu não só a corporação. O secretário de segurança pública estava pedindo as nossas cabeças. Foi quando me nomearam para o grupo de enfrentamento à quadrilha de Valdetário. Eu estava no olho do furacão. O que fazer? Àquela altura da situação, se eu revelasse que o homem mais procurado do Nordeste era meu amigo de infância e, por questões éticas, eu precisava ser afastado, quem acreditaria em minha inocência? Eu passaria a ser visto como o principal suspeito de fornecer informações, já que a Polícia Militar não conseguia capturá-lo, pois ele sempre estava um passo à frente de todos nós. Restava-me aceitar meu destino: ficar cara a cara com ele.

Muita gente ganha dinheiro com esse tipo de situação, ainda mais em período eleitoral. Um informante deu com a língua nos dentes, assegurando que a quadrilha se preparava para atacar a cidade de Macau, a salineira do estado. Não se sabia dia nem horário. Ficava difícil montar guarda lá. E se aquela informação fosse para despistar a polícia, atraindo-a para uma cidade com objetivo de a quadrilha atacar outra? De todo modo, não tínhamos um contingente alto para cobrir as cidades do interior que possuíam agências bancárias.

Fiz uma ligação telefônica para o delegado de Macau, tentando falar sobre o *modus operandi* de Valdetário e seus homens. Eles atiravam muito e dificilmente erravam a pontaria. Não matavam

peças da população. Nem pareciam humanos. Porém, antes que eu terminasse de falar sobre as táticas da quadrilha, o delegado da cidade, querendo mostrar valentia, ordenou que eu me calasse, acrescentando: “Pode apostar que ele sangra, delegado. Deixe estar. Macau vai ensinar a todos vocês como se captura um bandido, ou não me chamo Robson” – disse, ironizando a corporação da capital.

Minha sorte é que eu era conhecido como uma pessoa que usava mais o diálogo do que a truculência, senão teria ficado com a fama de desmoralizado pelo colega de farda. Vale muito a imagem que vendemos. Só que a soberba precede a queda e isso é lição para a vida.

Mal desligou a chamada, o delegado macauense recebeu um telefonema de um civil sobre o que estava ocorrendo. Àquela altura, as balas já rasgavam o céu de Macau. A ousadia dos fuzis, o medo trazido pelas metralhadoras, a precisão das pistolas nas mãos das sentinelas de Valdetário circulavam livremente, tomando canto em cada esquina bancária na cidade sitiada. Juntou-se a outro delegado, ambos da Polícia Civil, e um sargento da Polícia Militar, para montar uma barricada com as viaturas e conter a quadrilha composta por quinze exímios atiradores. Valdetário montou um esquema para assaltar três bancos simultaneamente e isso ninguém estava esperando.

Ao montar guarda, a valentia de Robson – delegado que dirigira a viatura até o local dos disparos – escorreu pela cabeça, após um tiro certeiro de fuzil. A quadrilha, mais rápida que um piscar de olhos, os surpreendera. As rajadas atingiram o outro, Antônio Teixeira, que ficou ferido no braço e no rosto. O sargento foi o único que ainda saiu ileso. Por sua vez, os reféns, acudados no banco, viam o dia de terror que ficaria em suas mentes para sempre. As marcas de violência notadas nos corpos dos policiais atingidos e nas expressões de horror dos civis pareciam a tela “O grito”, de Edvard

Munch, saltada da arte para a vida. Duas pessoas feitas reféns foram levadas pelos homens e abandonadas com vida na estrada.

Cansado, parei em Mulungu, um lugarejo perdido no tempo dentro do Rio Grande do Norte, quando recebi um aviso sobre a situação caótica de Macau. Minha intuição – ou seria a minha vontade de evitar cruzar com o meu velho amigo de infância? – me fez escolher prosseguir pelas vias alternativas. Quem conhece bem a área de Costa Branca sabe dos caminhos por entre as propriedades rurais privadas. A estrada estreita só permitia passar um carro por vez. Os motoristas precisavam fazer recuos nas porteiras. Na rota de Mulungu, já a caminho de Macau, topei com a quadrilha. Na hora, tive a certeza de que meu dia havia chegado: a viatura da polícia na qual eu estava parou em frente ao carro que levava o homem mais procurado pela polícia nordestina. O motorista desceu já com um fuzil em riste. Valdetário me reconheceu e deu ordem para baixar as armas e me deixar a sós com ele, pois teria um particular comigo.

“Tenho uma dívida com você, Zé” – disse-me brando e assertivo.

“Nunca te cobre nada, Valdetário” – respondi firmemente, sem desviar o olhar.

“Um dia, você acreditou em mim. Naquela época, eu fui acusado injustamente. Agora sou essa pessoa marcada para morrer. Vou poupar a sua vida para quitar o favor que você, um dia, me fez. Não gosto de andar em débito com ninguém, ainda mais com um velho amigo. Mas olha, meus homens não o pouparão na próxima vez que encontrá-lo. Em nome da nossa antiga amizade: não fale para os milicos que me viu nesta rota. Eu saberei, se me entregar. Não acho que você me queira no seu encalço. Adeus, amigo” – disse-me com a firmeza de sempre, dando-me as costas, após uma leve batida em meu ombro. Seu olhar havia mudado. Aquele homem que conheci não estava mais ali.

A oportunidade de matá-lo naquele instante era também uma sentença de morte para mim. Quinze contra um. Recuei com a viatura para a porteira da Fazenda Alvorada enquanto deixei o bando passar na minha frente. Eu me sentia o pior dos policiais, de mãos atadas. Amenizou o meu sentimento de impotência pensar na minha filha de quatro anos, não demorando muito para voltar a sentir revolta pelo delegado que caiu morto no chão. Baixei a cabeça, vi que o sol reluzia nas minhas botas lustradas e gastas por participar de tantas operações. Os bandidos miravam os olhos na minha farda e entreolhavam-se com uma incógnita: não compreendiam por que fui poupado pelo seu chefe.

Tão logo desapareceram, fiz uma chamada no rádio, informando o rumo que a quadrilha havia tomado e segui na direção de Macau para tentar minimizar os estragos. Minha informação privilegiada foi responsável pela prisão do chefe: surpreendido, capturado e levado para o Presídio de Alcaçuz, ainda que boa parte da quadrilha estivesse solta.


Dois dias depois, recebi uma ligação da penitenciária. Logo reconheci o autor do telefonema: “Eu sei que foi você”. Conheci, no tom de voz de Valdetário, que aquela era a minha sentença de morte; contudo, como estava preso, senti uma relativa tranquilidade, mas que não durou muito. Os foragidos não tardaram em organizar um resgate cinematográfico, atacando a guarita de Alcaçuz armados até os dentes, levando seu chefe como quem exhibe um troféu, tripudiando dos policiais. Tivemos notícias de seus rastros na Paraíba, no Ceará e no Piauí.

Exatamente hoje, 10 de dezembro de 2003, estou na cidade de Lucrécia. Já descobrimos o esconderijo dele. O cerco está fechado. Ainda que sejamos muitos, essas operações são imprevisíveis. Há riscos. Retirei a foto de minha filha, que levo na carteira, e dei um beijo. Meu grupo estava responsável pelo lado leste. Os demais, posicionaram-se nas outras possíveis rotas de fuga. No silêncio angus-

tante da mata, pé ante pé, avistei o abrigo no qual se esconde o meu velho amigo. Fiz uma pergunta em meu coração: “Será ele ou eu?”.

Imediatamente, treze tiros foram disparados do lado oeste, seguidos de uma eufórica gritaria dos policiais. Passei uns minutos suspenso no ar. Tudo o que me resta a fazer é enviar uma coroa de flores à família, sem poder me identificar, e chorar silenciosamente pelo destino do meu velho amigo. Esse desfecho elegeu um governador, condecorou policiais e me deixou um pouco cinza.

O GUARDIÃO

resci entre disparos e cheiro de pólvora, ouvindo uma frase muito comum em minha família, quando um de nós saía para caçar: “Me dê uma balestra e eu trago um javali”. Ainda menino, eu achava a expressão estranha porque, normalmente, via os adultos saírem com rifles e espingardas. Então eu não entendia quando meu pai e meus tios mencionavam essa arma, criada no século IV a. C., antes de deixarem a casa de caça. Aliás, as crianças da família eram presenteadas com um modelo semelhante, demarcando um rito de iniciação, uma tradição. Ainda lembro a primeira vez em que me deparei com o arco, as cordas especiais, as roldanas, observando a mira e até mesmo as flechas. “Por que não dar uma chance à balestra?” – meu inconsciente pensou, falando por meus olhos brilhantes de menino, deslumbrado com o primeiro brinquedo.

Contudo meu pai levava aquilo muito a sério. Fomos doutrinados pelo poder de fogo, embora precise confessar neste diário que levei um tempo para me tornar o que sou hoje. Tive sérios embates com o meu pai, o melhor caçador da família. Eu era o filho mais velho, que pensava na caça como atividade para controle de pragas ou de subsistência. Para ele, eu não passava de um covarde que precisava ser convertido por abominar essa atividade em sua forma esportiva. Sempre achei que os animais são melhores que os humanos. Minha impressão ganhava mais força à medida que convivía com o meu núcleo familiar neste universo caçador. Eu era um cara verde na vida. Acreditava que a forma como se abate um animal precisa ser honesta e livre de sadismos, entretanto a minha natureza mudou no dia em que sacrifiquei um cavalo na estrada.

Estávamos a caminho do meu rito de iniciação para ganhar o status de caçador. Eu já havia treinado na casa de campo, sob a orientação meticulosa e exigente do meu pai que, naquele momento, me transportava contra a minha vontade à minha sina. Estranhamente, eu me senti como um animal selvagem que fora capturado quando corria solto nas campinas. A diferença crucial é que para me tornar humano, aceito pelos meus pares, eu precisava sacrificar um animal, sem motivo. Aliás, o motivo era único: tornar-me caçador aceito, reconhecido.

Quando passávamos pela rodovia, ao longe, avistamos um cavalo parado. Era Ventania, um corcel cujo dono o exibia com orgulho em competições pelo país. Sua crina balançava ao som do vento e das plantações de trigo. Enquanto eu admirava a beleza do animal, meu pai reduzia a velocidade do carro na proporção de seu sadismo, que dava o ar da graça.

“Está vendo aquele cavalo?” – perguntou ele.

“Sim, meu pai. É Ventania, orgulho de seu Inocência” – respondi no automático.

“Estamos a uma distância de 200 metros. Mate-o” – deu a ordem com a voz cava.

“Mas pai...”

“Se com o animal parado você não consegue, será devorado pelas feras em movimento, Davi. Atire!” – ordenou com a voz mais firme, fuzilando-me com o olhar.

Tentei me munir de coragem. Eu era o humano entre o livre-arbítrio e o cano da arma refletindo o sol, com o poder devastador do mundo bélico. Meio-dia, asfalto, suor descendo e arma em riste. Na postura de atirador, me posicionei, mas fortemente fui desarmado pelo olhar de Ventania. Lembro-me do meu pai gritando: “Mire na cabeça, na cabeça, que será mais rápido”. Aquela situação me transportou em flashes para a sala de armas do meu avô: O sacri-

ffício de Isaac, tela que adornava o centro da casa. Respirei fundo. A voz do meu pai ordenando para eu sacrificar o cavalo. Fiz prece como um romeiro fervoroso, esperei alguma ajuda do alto, uma resposta de anjo, alguma voz divina que me impedisse, ou mesmo o meu pai me dizendo para não ir adiante, mas só o vento solfejava um réquiem, enquanto a voz paterna bradou: “Você não é homem, Davi?”

Atirei bem no meio dos olhos de Ventania, observando a vida se evaporar como farelos espalhados ao vento. Para meu pai, tornei-me homem. Em mim, aquele disparo ficou alojado na memória. Ninguém detalha sobre isso, mas sempre que um Davi derruba um Golias, ambos tombam. Aquele cavalo era o meu Golias e eu não tinha mais como voltar pela estrada que me levou até aquele acontecimento. Minha natureza mudou ali. Um tiro divide um homem de um menino – pelo menos no meu caso.

Depois do episódio com Ventania, passei dois meses indo caçar no modo humano-automático, contudo sentia algo atravessado na garganta. Era a resposta que eu não conseguira verbalizar para meu pai. Percebendo o vazio que passou a existir entre nós, ele me chamou para uma conversa. Propôs que eu trouxesse para ele um troféu. Se eu assim o fizesse, daria a minha parte da herança e eu poderia ir para qualquer lugar que desejasse, longe dele, já que a convivência estava insuportável.

Assim, eu saí do interior do Ceará em direção a um lugarejo próximo à Reserva de Desenvolvimento Sustentável do Rio Negro, há 70 km de Manaus. Conheci um ambientalista caiapó que tão logo pôs os olhos em mim, viu a minha “alma debaixo de um nevoeiro”, explicando que aquilo significava perturbação.

Debaixo de um tenso diálogo, pedi orientação para entrar no coração da mata, entre os estados do Amazonas e de Roraima, escamoteando os meus propósitos. Eu estava ali para caçar um cachorro-vinagre, animal raro da floresta. Era o preço a ser pago pela

minha autonomia, longe daquele mundo caçador que eu repudiava e me destruía como ser humano. Eu estava ciente daquela atividade ilegal, porém, para ele, quanto mais difícil o troféu, mais valioso o seu significado. E a voz do meu pai bradando “Você não é homem, Davi?”, me acordava no meio da noite. Eu só queria silenciar aquela voz para sempre.

O ambientalista, contudo, tentou me apresentar outros roteiros possíveis, mas fui inflexível, além de rude. O velho homem me olhou profundamente e disse num tom de voz firme, como se lesse a minha natureza: “Quem não sabe ouvir, não sabe liderar suas emoções. Não serei o seu guia e nem andarei atrás de você, pois vejo uma encruzilhada em seu caminho e você perdido diante dela. Aqui nos despedimos”.

Ignorei as palavras do indígena, respirei fundo, falei para mim num sorriso de canto de boca: “Me dê uma balestra que eu trago um javali”. Segui três dias de barco para entrar sozinho numa trilha e sem guia. À medida que os dias na mata foram se passando, senti que aquele lugar parecia ter uma vida independente. No sétimo, finalmente encontrei uma matilha de cachorros-vinagre. Abati um deles. Enquanto o sangue do animal tingia a terra, o meu corria quente, refestelando-se com a resposta que eu levaria para calar o meu pai, aquele que tanto me ensinou que “o nosso coração é o nosso primeiro professor”. Nem vi a gravidade das mordidas dos outros cães na minha perna.

Nos dias seguintes ao ocorrido, tentei voltar o mais rápido que pude com o meu troféu nas mãos. Eu espero ser perdoado pelo que fiz. É uma questão de sobrevivência: a minha vida por outra em extinção. O que pode ser pior?

Três dias caminhando quase sem parar, as guarnições acabando, e eu caindo na real, após muito me mover sem sair do lugar. O desespero começou a me visitar, principalmente ao cair da noite. Uma coisa é caçar na floresta que você conhece. Outra é ousar caçar

na mata fechada de um território desconhecido. Comecei a pensar se vir para cá abater um animal em perigo de extinção teria valido a pena. Estou no coração da floresta, com árvores gigantes, me dando conta de que o mundo é um ímã polarizado que ora nos atrai, ora nos repele. Na selva não é diferente: ou você caça ou logo será caçado. E eu continuava ferido, andando em círculos.

Sem suportar o cheiro de sangue, a voz da razão revelou o meu agora: estou do outro lado da moeda. Como é que eu, de uma família de caçadores, me coloquei em uma situação dessa natureza? Tudo para ganhar uma herança e cuspir toda a palavra entalada na minha garganta na cara do meu pai? Sim, eu queria atirar nele todas as palavras em estado de lâmina. Naquele instante, a vida me ensinava que era melhor ter menos trovões em minha boca e mais raios nas mãos.

Há 15 dias, estou perdido nesta floresta, percebendo as pegadas frescas no solo, girando em círculos. Estou sob o faro de algo. A perna ferida está mais pesada – o que dificulta a minha mobilidade. A água do cantil já está escassa e o sono me abandonou para dar lugar a um estado de alerta impregnado em meus ossos. A sensação de exaustão mina as minhas possibilidades de estratégia e esquiva. Além disso, sentir que estou sendo observado por algo camuflado na mata me dá arrepios neste 17 de julho.

Entre a autoconfiança e a soberba, a linha é muito tênue. Nascer em uma casa de caçadores, ter treinamento com o melhor deles e reunir dois meses de experiência não fizeram de mim um caçador. Apenas me levaram a uma encruzilhada. Desejar quebrar o ciclo dos meus antepassados foi a mesma condição que me pôs nos braços da morte mais cedo. Sorte ou revés? Estou jogando com ela nesta floresta. Ou seria ele? A verdade é que nem sei contra o que estou lutando. Tenho apenas 22 anos.

Faz três noites que vejo uma bola de fogo correndo por entre as árvores. Eu sempre achei que tudo não passava de uma história

que percorreu a boca de todos, coletada pelo jesuíta Anchieta, em 1560. Não só os nauás, etnia que habitava o Acre, alertaram sobre a existência do tal espírito, como também os caraíbas e os tupis-guaranis. O problema é que duas outras testemunhas portuguesas reforçaram isso, deixando por escrito que há certos demônios correndo na mata: Fernão Cardim, em 1584; e padre João Daniel, em 1797.

Neste momento, enquanto escrevo, avisto ao longe uma imensa bola de fogo que, aos poucos, se aproxima. No centro dela, observo dois pequenos fogareiros. Não estou brincando de caçar um rosto nas nuvens, como fazia quando criança. É real. Diferente de mim, esta floresta não está desamparada. Ela tem um guardião. Sabe o que é mais irônico nisso tudo? Eu me sinto como aquele cavalo, à espera do sacrifício, enquanto escrevo neste diário. Minha única certeza é de que, de um jeito ou de outro, meu corpo voltará para casa.

...

Dois dias após, um aldeado ticuna encontra o corpo de Davi, imolado, envolto em cipós, atado a um anjelim vermelho. Ao pé da árvore, o seu diário, cujas páginas abertas prestavam reverência às árvores da floresta.

A ENCOURADA

Vera fincou os pés na soleira da porta e me olhou com firmeza: “Você só sai depois que eu te benzer”. Era muito atrevimento naquele 1 metro e 45 centímetros. Eu dava dois dela e poderia tirá-la facilmente do caminho. Só senti que a coisa era séria quando ela fechou a porta.

Olhei para aqueles olhos cercados pelas linhas do tempo: “Nem tudo que acontece à noite, eu trago para o dia, vó Vera” – retruquei secamente.

“Por isso mesmo que preciso benzer você. A coisa te espera lá fora” – disse-me como se tivesse visto o futuro.

Apontei para o coldre, dando três confiantes batidas na pistola que portava. Ela deu duas baforadas no cachimbo e me fez um apelo: “Não desdenhe dos meus rezos. Já te trouxe da morte duas vezes. Essa arma aí não dá cabo do que você vai enfrentar hoje, Tonho. Ainda assim, vejo você permanecendo na terra por trás de uma bruma”.

Aceitei desarmado o rezo de armadura que ela lançou sobre meu corpo.

“E mais uma coisa, Tonho: o mistério e a curiosidade são dois elementos que se atraem. É isso que move a magia e as paixões. Nem tudo é o que parece” – entregou-me essas palavras feito oráculo que oferece enigmas a ouvidos com destino traçado.

Não tomei conselho, mas um gole de café. Fui para o meu destino. Ao passar pela soleira da porta, deixei um seguro santuário com o peso de toda a cidade em minhas costas. O pôr do sol era o toque de recolher para os moradores da pacata Gameleira, não para mim. Trinta homens foram espicaçados em duas semanas. Atraves-

sei a campina até chegar ao Monte das Gameleiras, me ocultando nas copas. Eu não tinha ódio. Ódio guardado é guerra perdida. Eu tinha desejo represado – o que faz de um homem um barril de pólvora. Deus esteja.

De repente, ouvi o som de um cavalo trotando em minha direção. Em contagem regressiva, eu esperava honrar 30 famílias. Das copas, mirei o tecido esvoaçante. De dentro da roupa, uma voz familiar, inabalável, adocicada por um cheiro campestre, amansou minhas carnes.

Não pode ser ela! Não pode ser... – pensei em ânsia angustiada.

“Sou eu, Antônio” – respondeu-me em hipnótico vibrato, como se lesse meus pensamentos.

A valentia desistiu de me mover naquele tabuleiro de xadrez, quando vi a suculenta pele sobressaindo na fenda do tecido. Aquelles olhos vivos, brilhando por entre as bordas do capuz...

“Vem” – convidou-me Mera durante a sinfonia do vento, encaixando-se em meu corpo emoldurado por um desejo vulcânico.

“Prometa deixar a cidade e serei seu” – sussurrei rente ao ouvido.

“Vai me dar sua alma?” – perguntou, encaixando-se numa energia galopante.

“Dou até metade do meu reino” – respondeu minha nostalgia, para aquelas ancas febris.

Embevecido devotamente, ouvi já encaixado nela: “Não existe esquiva perfeita, Tonho” – gargalhou, rebolando sobre meu eixo. Enquanto me cobria de gozo, ela golpeou a minha carne com as presas.

“Não volte para onde, um dia, você foi feliz: é armadilha da melancolia. O que você vê agora não é aquela Mera” – disse, sugando meu resto de vida na carne.

Agora a Encourada mora em meu corpo. Estou vendo-a tomar distância, a caminho da cidade, enquanto estou preso em uma carcaça humana entre as gameleiras, esperando o meu fim que está próximo.

A SAMARITANA

Na Rua Doutor Barata, há um prédio – ou o que restou dele – que desperta nas pessoas um sentimento contraditório. Enquanto uns são atraídos pela beleza da fachada com arquitetura eclética, outros são repelidos pelas paredes ruinosas; outros ainda sequer desejam passar perto do local tido como amaldiçoado.

É tudo uma questão de ponto de vista. Algumas pessoas acreditam que a maldição não deixa que qualquer coisa prospere. Eu vejo que tudo quanto foi feito lá, enquanto existiu, deu certo, ainda que num tempo curto. Se a nossa vida é uma pequena fração de tempo na eternidade, talvez seja essa a razão de desejarmos eternizá-la de alguma forma. Cada realidade finda em si mesma.

As famílias mais antigas sempre contam a mesma história. Uma jovem, procurando saber o que o futuro lhe reservava, três dias antes do casamento buscou ajuda de uma cartomante. Apon-tam isso como a causa da sua grande tragédia pessoal. Ninguém sabe exatamente os detalhes. Mas há muitas hipóteses que circulam sob a forma de lendas urbanas até hoje. Ainda estou pensando se esclareço, ou se deixo essa fonte de narrativas para as futuras gerações.

Como estou em um lugar privilegiado, sei detalhes dessa história do ponto de vista de quem a viveu. Estou dentro dela agora. Naquela visita, chegando ao local, a jovem fora recepcionada por uma mulher de rosto luminoso e roupas coloridas que demonstrou uma admiração temerosa ao contemplar o rosto da moça. Um receio assustadiço percorreu o corpo de ambas, após perceberem um fluxo de pergunta-resposta nos olhares. Dispondo de poucos recur-

sos naquele momento, pediu que ela tirasse três cartas. A cigana embaralhou, embaralhou e embaralhou as cartas. A demora para cortar o baralho causou ansiedade na jovem.

“Será que era preciso demorar tanto assim para cortar um baralho?” – pensou ela com olhos arregalados e vibrantes.

A mulher de olhos perscrutadores sentiu o peso da responsabilidade ao puxar a primeira, uma angústia ao puxar a segunda, uma aflição ao puxar a terceira: o diabo, a torre, a lua. Como explicaria as tantas mudanças que aquela moça enfrentaria, se mal acordara para a vida? Aos 15 anos, ela não fazia ideia do que estava por vir. Naquele momento, eram dois ouvidos ávidos num corpo cheio de viço e beleza tão diferente que destoava das demais que se via pela cidade. A cigana pigarreou, respirou fundo e começou a leitura.

“Veja bem. A carta do diabo está me mostrando para você tomar cuidado com a sedução, com os desejos impulsivos e com a tentação da carne. Falo para você ser cautelosa e vigilante. Disso depende o seu triunfo, ou a sua ruína” – explicou a vidente.

Os pensamentos da moça perturbaram-se ao percorrer memórias recentes que lhe ruborizaram as têmporas. Lembrou-se do dia em que fora arrancada de dentro das roupas pelo desejo mais lascivo e endiabrado, novamente fervendo-lhe as carnes naquela lembrança. Recebeu as mãos quentes dele, proclamando a liberdade e o prazer a cada botão desabotoado do vestido que, àquela altura, colava-se ao corpo com o suor. Experimentou novamente um mundo sensorial amplificado, carregado de cores, cheiros característicos e texturas de pele. Ela passara uma temporada intensa e vibrante dentro do amor e seus encaixes, aos quais não oferecera resistência.

A voz oracular a despertou daquele devaneio como um vento sobre as estepes: “A carta da torre. Essa mostra não apenas uma ruptura brusca, mas várias. Eu vejo uma sucessão de rupturas bruscas pelas quais sua alma passará nesta terra. Você precisa estar preparada, pois vejo muito movimento, há muitos ventos ao seu redor”.

Ana recebia aquela informação sabendo que seu maior desafio seria despedir-se daquelas memórias, pois seus pais empenharam-se muito para arranjar-lhe um bom casamento. Certa de que a mudança dependeria de si, sentiu um acréscimo de alívio tomar conta de seu corpo e pensamentos, repousando os ombros relaxadamente nas costas da cadeira aveludada. E se não fosse compatível com o marido, na intimidade? Abandonou a tensão novamente, ao dizer para si mesma que só dependeria dela. Levaria para o túmulo o seu segredo. Afinal, temia que acontecesse com ela o triste destino da irmã mais velha que, deixada grávida pelo namorado, fora enviada para o convento das Irmãs de Jesus, no Pará, a fim de evitar um escândalo na família perante a sociedade.

A profetisa do povo prosseguiu na leitura: “Estava observando aqui. Pode parecer contraditório, mas a sua terceira carta, a Lua, sinaliza que sua alma terá uma vida longa. Essa carta mostra uma viagem, atravessando o tempo de forma próspera, longeva, para não dizer histórica, nesta cidade. Tudo o que meus guias me repassaram, entreguei a você, jovem. Esteja atenta aos sinais” – revelou a mulher, que viria a falecer no dia seguinte, após essa leitura.

A moça voltou para casa conformada e aliviada. Na caminhada, viu *A Samaritana*, patrimônio bem-sucedido do noivo, e sorriu encantada com o pé direito e os detalhes da fachada. Ele inaugurara cinco meses antes e deu esse nome em homenagem a ela que, por desenvolver ações de caridade na igreja local, ganhou dos pobres o nome *A Samaritana*.

Parou diante da fachada e reparou o estilo eclético. Não entendia de arquitetura, mas sabia que o primeiro incêndio havia forçado aquela mistura de estilos artísticos do passado a se fundirem às novas formas, criando outra linguagem arquitetônica. Quando uma realidade é modificada, a arte vem e propõe uma maneira diferente de concebê-la. Se há sementes que precisam ser queimadas para que uma nova vida brote, a arte se encarrega do replantio.

Ana ria ao contemplar tudo aquilo. Preparava-se para casar em três dias e, voltando a pensar no diálogo com a cartomante, recebeu como refrigério a leitura daquelas cartas. Sua festa de casamento seria comentada por semanas na cidade, além de outro fato que abalaria as estruturas desta oito dias depois.

Finalmente, uniu-se a Serquiz Elias Pinheiro, um libanês afortunado, que nascera para os negócios. Cético, não temia coisas sobrenaturais, pois a educação que recebera aperfeiçoou seu faro para o comércio, adormecendo nele qualquer habilidade ou vocação para os assuntos espirituais. Sentira por Ana uma paixão avassaladora desde a primeira vez em que a viu. Antes dela, só se sentiu vivo no tempo em que era um jogador em busca de apostas altas em cada jogada. Era a sua forma peculiar de experimentar a vida na vida... A chegada de Ana era fruto de sua admiração pelo inesperado. Embora preferisse planejar tudo, no terreno do amor foi o sentimento que guiou sua escolha. Perto dela, a racionalidade do libanês era rarefeita, tal qual a espuma do mar depois que a onda quebra. Não ter a certeza do amor da senhora Pinheiro era a sua fragilidade, mas se encarregaria de fazê-la amá-lo, pois era um homem experiente no trato com as mulheres.

As coisas começaram a ficar problemáticas, pois sua experiência não foi suficiente para consumir a noite de núpcias. Era notório que Ana tinha o total domínio daquele jogador. As núpcias só seriam consumadas sete dias depois. No oitavo, o corpo de Anna estava sem vida, enforcado em uma frondosa tamarineira localizada nos fundos do prédio inaugurado há cinco meses pelo libanês em homenagem à noiva, A Samaritana. A morte dela causou comoção em toda a cidade. As pessoas não compreendiam nem aceitavam o ocorrido, em se tratando de uma pessoa feliz, amada, de família.

Como desejava fechar esse ciclo angustiante junto à família da esposa na igreja, ele escondeu a causa da morte, comprando o silêncio do médico. Desejava prestar os ritos à esposa e não que-

ria ter mais um motivo para aumentar a tamanha dor que mal o mantinha de pé. Sentia um pesar, misturado à culpa, secando-lhe os ossos, enquanto acompanhava o sepultamento da esposa até a morada dos mortos. Na metade do caminho, uma senhora, cujo rosto estava coberto por um véu, aproximou-se dele, sussurrando-lhe um aviso: “Ana ainda está entre nós”. Elias virou-se para ver o rosto da senhora, mas, de forma abrupta, ela girou e se misturou ao cortejo, sumindo feito fumaça. O enlutado preferiu ficar rente ao caixão da esposa.

Voltou para casa e sentiu os três primeiros dias se arrastarem. Deixou um encarregado para tocar os negócios e se enclausurou dentro de si mesmo. Lembrou-se da noite de núpcias como uma breve e fugidia temporada no inesperado. Sorrateiramente, aquela lembrança, que deveria constar como um frenesi a atravessar o corpo ou um frio na espinha, tornara-se um espinho na sua carne trêmula, saudosa e com uma selvageria desatada da qual não queria se livrar. Mas a mulher que nele despertara tudo isso não mais estava ali.

Sua memória prodigiosa o atormentava, não apagando as emoções. Lembrava-se de tudo ao mesmo tempo e de forma apoteótica: os cheiros, os lábios quentes de Ana, o doce sabor despreendido daquele corpo se desfazendo nos lábios dele. O inferno da memória evocava nele o corpo dela martelando seus miolos, e seu sexo, sobre os quais era destilado o veneno de saber que aquela não havia sido a primeira vez de Ana...

Depois de descobrir o amor pelas vias da esposa, naquela noite que antecedeu à tarde fatídica, um ciúme ensandecido apoderou-se dele, de forma impulsiva, impelindo-o a revelar que embora a amasse e estivesse disposto a ficar com ela incondicionalmente, reportaria o fato ao pai da moça. Ela negou, resistiu, mas Elias sabia diferenciar moça virgem e mulher experiente. Depois, tendo admitido que não se mantivera casta para o matrimônio, ela implorou

que ele não levasse essa informação ao pai. Colocou-se em situação de subserviência, mas o fato de o marido imaginar o corpo da esposa tocado em primícias por outras mãos arruinou tudo o que ele poderia ter construído.

Agora que sentia falta, pensou que não faria diferença ter recebido a esposa da forma que ela veio. Ensandecido, desejou-a uma última vez. Assim, tomado por uma explosiva mistura de paixão, ira, saudade, ciúme e luto, na madrugada do terceiro dia do corpo sepulto, Elias violou o túmulo de Ana, levou o corpo para sepultá-lo no terreno da loja, ao lado da árvore. Amou-a novamente, entregando-a em definitivo à terra. “Se os espíritos realmente existem, hei de encontrar o de Ana que ainda rondará o corpo enterrado com a minha semente, antes de seguir para o além” – pensou ele, ébrio, cheirando fortemente a arak.

O tempo passou e o viúvo era um ímã para as solteiras. Contudo, nada atraía sua atenção, por isso buscou contentamento no trabalho. Sua vida se resumia a correr atrás do vil metal, tentando enganar o vazio deixado pela esposa. Falava pouco, buscava a reclusão em um dos cômodos de *A Samaritana*, onde passou a residir.

Nas primeiras semanas, teve companhia das pessoas que se compadeceram pela sua perda. Depois as visitas ficaram esporádicas, até que os moradores próximos voltaram às suas rotinas. Na vida, chega uma hora em que o enlutado precisa caminhar sozinho. Nem todas as pessoas, por mais amigas que sejam, pararão as suas vidas, esperando uma demorada dor se curar.

No térreo, funcionava sua loja de tecidos. À noite, quando os funcionários iam embora, ficavam no prédio apenas ele e o silêncio, exceto quando subia as escadas rangentes de madeira, um detalhe peculiar da edificação bastante lembrado por quem a utilizava. Ele se recolhia do mundo, abria a janela do quarto improvisado, direcionada ao quintal, observando a fatídica árvore com a qual passou a conversar em suas completas noites de solidão e insônia.

Como não era afeito às coisas espirituais, era incapaz de sentir uma energia pesada que circulava o local, embora estivesse lá, afetando a vida de todos que mantinham uma ligação com o prédio. Sempre era visto escrevendo em seu diário, no qual relatou muitas coisas que partilhei aqui. Dentro do diário, estava uma carta desbotada pelo tempo, curta, sem assinatura, endereçada a seu Elias, que dizia: “Ela ainda está aqui”. Herdei do meu tio-avô, que me pediu para guardar, esta história de família.

Entediado e entristecido pela viuvez, Elias acabou casando um ano depois, mais por insistência da família. Encontrou uma jovem muito parecida com Ana – o que gerou comentário na cidade. A noite de núpcias foi um desastre para a pobre Catarina, uma jovem de 16 anos de idade, virgem, criada para o destino do casamento, que serviu apenas para satisfazer o desejo do marido. Engravidou de primeira. No intervalo de três anos, teve três filhos, e logo ficou viúva, tratando de se mudar do prédio *A Samaritana*. Nunca tivera uma noite de sono tranquila enquanto residira lá. O comerciante libanês faleceu de causa misteriosa.

Depois que deixou o local, a viúva passou apenas a administrá-lo. Pela movimentação e mudanças bruscas, a sociedade chegou a maldizer a mulher. Alguns diziam que nada se mantinha firme pela má administração, já que lugar de mulher era cuidando da casa. Cansada, ela resolveu designar um sobrinho para ficar à frente. Contudo, ainda assim, as mudanças bruscas permaneceram na história daquele prédio.

Nos anos 1920, passou a funcionar uma unidade das Lojas Paulistas no térreo e, no andar superior, relojoaria, consultório médico e outras salas comerciais. Também não vingaram. Em 1939, no lugar das Lojas Paulistas, foi criado um dos maiores jornais da cidade, O Diário. Outras salas – eram sete no total – foram alugadas para um dentista, um clínico geral, um distribuidor. Em 1970, veio o segundo incêndio, deixando o prédio fechado até que, em

período meteórico também, de 1981 a 1983, foi aberto o Frenezzi Café Teatro, da drag queen Danuza D'Sales, sucesso com espetáculos de Teatro de Revista.


Hoje, momento em que herdo esse patrimônio de família, percebo a ausência do teto, desabado pela força das águas de chuva e pelo tempo. Um padre, amigo da família, passou aqui e me orientou a benzer o lugar, pois senti calafrios. Consigo ver o céu azul daqui. Perscruto as formas da fachada. *A Samaritana* parece um retrato antigo, destoando do restante das construções da cidade não apenas pelas ruínas, mas principalmente por causa da árvore que se uniu às paredes. Os órgãos locais já condenaram o lugar, avisando que a construção ameaça cair a qualquer momento. Sinto uma presença estranha perto de mim, pedindo para deixar essas paredes de pé. Não sei quanto tempo este lugar vai resistir. Tomei duas decisões: vou transformar o espaço em um museu e publicar o diário de seu Elias. Essas paredes já são, de modo suficiente, uma narrativa para o mundo.

O que me incomoda mesmo é a sensação de uma presença que parece estar vinculada a este lugar, vigiando meus passos incansavelmente.

O COLAR DE ESMERALDAS

*“Em cima, o céu,
Embaixo, a terra,
No meio, os ciganos.”*

Ditado cigano

ão Tomé era o típico lugarejo perdido no meio do mapa, com poucos habitantes, mas que colecionava histórias de mistério e, entre elas, algumas tragédias, razão pela qual o ambiente pacato não atraía moradores, apenas turistas em busca de um passeio regado ao sobrenatural.

Nesse vilarejo vivia Darena, uma jovem que chamava atenção pelos olhos intensamente verdes e pela ansiedade, a qual jamais fazia questão de esconder, quando esperava a única festa do ano, um atrativo para forasteiros fazerem do vilarejo um epifânico espaço de celebração.

Um dia, ela recebeu um chamado. Saiu de casa com uma rosa rubra no cabelo e uma saia rodada de cetim para dançar em uma feira promovida pelo dono do único antiquário naquele fim de mundo.

A caminho da festa, estava a morada dos mortos. Por um momento, refletiu sobre os opostos: a vida é uma festa com todas as cores e sons, um movimento com vários compassos surpreendentes; a morte é o silêncio completo das ausências, com as quais cruzamos cotidianamente no meio da estrada. Ouvi uns passos, olhou para trás e viu que tudo não passava de mera imaginação. Por via das dúvidas, apertou o passo, até porque não queria chegar atrasada. Passara o ano esperando por aquele momento.

Ao estacar no espaço dos festejos, avistou moças cujos corpos se moviam em uma *mise-en-scène* que envolvia a plateia com beleza, verdade e amor. Elas antecederam a sua apresentação.

Por um instante, percebeu o quanto a plateia se assemelhava a esculturas de um museu de cera, paralisadas pelo movimento subli-

me. Ninguém ali sabia o que estava para acontecer por um simples motivo: desconheciam o segredo de Darena – inclusive ela. A jovem tinha sangue romani.

No momento em que o locutor anunciou a sua presença no palco central do evento, colocou em seu pescoço o objeto mais valioso da feira: um colar de esmeraldas.

Tão logo a melodia iniciou, um homem alto, de pele escura e olhos marcantes, que vagava ao longe, imediatamente foi fisgado pelas primeiras notas musicais de um violino buliçoso feito peixe no anzol.

Quando a música encontra a memória, é semelhante a mãos que sabem afagar e domar. Ele conhecia essa realidade de perto pela experiência como tropeiro e domador de cavalos selvagens. O violino de Paganini deu voltas e voltas, ameigando-o até laçá-lo. O vão do seu coração era preenchido com um sentimento que já lhe fora familiar. Assim, ele foi margeando a plateia no ritmo da esfuizante melodia.

À medida que os pequenos passos o moviam, a camisa ora mostrava, ora escondia seu peitoral. O luminoso daqueles olhos dançava alimentado pela luxúria que escapava da retesada tez. O tecido, roçando-o macio, eriçava-o e destacava o tom acobreado dos seus pelos queimados de sol sobre a pele escura e viçosa.

A melodia o despertara do sono profundo, fazendo com que se sentisse vivo novamente. Ainda haveria de experimentar uma epifania lisérgica. O olhar dela, mais rápido que a música, penetraria o seu peito num espasmo de energia. Transitou do frio nas mãos ao calor nas têmporas. Ela era quente. A saia dela convidava, dava voltas e voltas na sua imaginação. E o olhar, sobressaindo dos cabelos negros, lembrou de leve a crina do cavalo mais selvagem que já tentara domar.

As notas musicais emanavam uma verve por entre os poros e assim seguiram durante os quatro melódicos minutos numa fusão

genuína. O olhar dela repousando no seu tinha todos os argumentos para levá-lo à constatação de que estava num caminho sem volta. Paixão quando rebenta é como sangria de açude, cuja força das águas arrasta até as estradas. Naquele mar de águas, ela era uma gota de sangue; ele, um tubarão que lhe sente o cheiro a quilômetros de distância no oceano.

Tão logo terminou a dança, a jovem buscou pelo rosto negro que havia se destacado por entre a plateia. Resolveu dar a volta, mas não encontrou o ilustre desconhecido e ainda tropeçou no tecido do seu próprio vestido. Uma aflição a inquietou até que criou coragem e, como um desabafo, recebendo ajuda para levantar-se do chão, decidiu se abrir com uma amiga curandeira, Raquel, a mais antiga moradora da comunidade, sobre o homem de beleza única que fora atraído pela música.

Raquel pediu que ela descrevesse o tal rapaz.

Suplicando que não a julgasse, a jovem desabafou: “É estranho admitir que fui arrastada pelo olhar dele. É como se eu o conhecesse, mas nunca vi tal pessoa. A pele dele reluzia no decote da camisa. Era alto, os cabelos longos e não tirava os olhos de mim. Um misto de excitação e tristeza me abateu. Nunca senti algo parecido por alguém. Nem pelo meu noivo”.

Ao ouvir aquilo, a curandeira começou a ficar pálida, a sentir falta de ar, até que teve uma queda de pressão e desmaiou, situação que fez a narradora interromper a história para ampará-la.

Num dado momento, Raquel acordou, recobrou as energias vitais e conseguiu dizer claramente: “Eu ouvi seu coração se perguntando que tipo de energia é essa que floresce arrebatando a simpatia e colocando a luxúria no lugar; porém digo a você para tomar cuidado, pois tudo o que sentir vai reverberar e voltará para você. Esse sentimento é como um ímã”. Depois disso, apagou novamente e foi levada à enfermaria do evento.

Deixando a sua amiga sob os cuidados da equipe médica, a jovem romani decidiu tomar um ar e saiu caminhando pelo entorno. As árvores começaram a se agitar e uma brisa circulou, trazendo um cheiro amadeirado de Palo Santo. Sentiu a presença de alguém, mas nada conseguia ver. Uma voz sussurrante parecia vir de uma trilha próxima e decidiu segui-la.

Entre 15 e 20 passos, foi impedida de prosseguir por um garotinho que, a pedido de uma senhora, fora em sua busca. A senhora idosa, que havia acordado, tinha pressa em lhe falar.

Darena mais que depressa retornou à enfermaria para ouvir o que a sua amiga tinha para lhe dizer de tão urgente.

“Minha filha, o que você viu não é real” – disse-lhe a velha amiga curandeira.

“Como assim, não é real?” – questionou atônita.

“Não é real, Darena. Eu conheço todos os moradores desta comunidade e asseguro que esse homem de pele escura e cabelos longos não estava aqui. Pelo menos, não em corpo físico” – falou assertivamente, tossindo em seguida.

“Você está me assustando, Raquel” – desabafou Darena, arregalando os olhos e dizendo para si mesma, em pensamento, que a velha amiga estava delirando.

“Escute-me. Não estou delirando. Acho que é hora de você saber algumas coisas. Há muito tempo, quando eu tinha a sua idade, vi sua mãe ficar noiva de Afonso Henrique, aquele grande proprietário de terras desta região. Eu frequentava a casa de sua mãe no passado. Éramos bem amigas. Acontece que ela, um dia depois, apaixonou-se perdidamente por um cigano. A família descobriu. Foi um deus nos acuda, pois o cigano estava prometido a uma cigana através de uma aliança arranjada. Mas quando ele viu a sua mãe, apaixonou-se perdidamente. Eles se tornaram amantes e combinaram de fugir juntos. Sua mãe me contou sobre o plano, porém não

tivemos o cuidado com o local onde dialogamos sobre isso. A minha irmã gêmea tinha raiva e inveja da minha amizade com a sua mãe e contou para a família da cigana o plano de fuga dos dois. Um dos irmãos da moça organizou uma emboscada para lavar a traição com sangue. Quando soube da morte dele, sua mãe achou que eu tinha participação nisso. Tentei encontrá-la para explicar, mas ela nunca me recebeu. Rompeu o noivado, mas por ser muito bela e desejada não tardou que se casasse. Esse colar de esmeraldas que você carrega no peito pertenceu a sua mãe. Foi um presente do cigano. Após a tragédia, ela se desfêz dele, mandando vendê-lo em outra cidade. Mas o impressionante é que volta e meia esse colar reaparece em São Tomé. E sempre que isso ocorre, a comunidade o recebe como mau agouro. Percebeu que o organizador da festa tentou leiloá-lo sem sucesso? Apenas turistas ou forasteiros são atraídos pelo colar, pois não sabem a história que ele carrega”.

Raquel tossiu e respirou de forma cansada, mas continuou logo após se restabelecer: “Você precisa ver o quanto você é parecida com o seu pai...” – falou com dificuldade.

“Mas meu pai é ruivo, Raquel. Eu sou filha de Antônio e a cara da minha mãe...” – disse com a voz embargada.

“Não, Darena, você não é filha de Antônio. Você é a cara do seu pai, Yago. Na verdade, uma mistura dele e de sua mãe. Seu jeito de dançar é idêntico ao dele. Onde você aprendeu, já se perguntou? Sua mãe também dançava, mas parou desde que ele foi morto. Também porque o ruivo detesta dança, cantoria ou qualquer outro tipo de arte que lembre o povo cigano”. E prosseguiu:

“Embora o seu corpo revele uma forte genética materna, esse cabelo, feito crina negra, ornando a sua cabeça, é herança dos dois. Seu pai é exatamente igual ao homem que você descreveu para mim” – disse Raquel, tossindo mais alto.

“Raquel, isso é um absurdo! Aliás, uma abominação! Como ousa dizer isso?” – a jovem levantou a voz com a mesma intensidade com que se perturbou pelo que sentiu enquanto dançava.

Sem se alterar, a velha amiga aconselhou: “Darena, não se culpe. Se ninguém lhe falou a verdade, esse problema não pertence a você, embora a afete. O espírito não sabe que está morto, porém guarda memórias terrenas. O local onde foi erguida essa feira, com muitos amuletos antigos e artefatos ciganos, é exatamente na encruzilhada onde seus pais marcaram de se encontrar e fugir. Seu pai morreu amando sua mãe intensa e profundamente, deixando-a grávida. O amor é um sentimento que resiste até mesmo após a morte. Sua mãe tinha a sua idade quando seu pai por ela se apaixonou. Você é muito parecida com ela e estava usando o colar com o qual ele a presenteou. O espírito do seu pai continua vagando, buscando a alma da sua mãe, por isso conectou-se com você”.

Após partilhar a verdade com Darena, Raquel expirou, fechando os olhos para sempre.

Naquele fim de tarde, Darena agitou-se no profundo da sua alma e saiu dali sem perceber que mantinha o colar no pescoço, lamentando intimamente a perda da amiga, a que lhe revelara coisas que ela jamais havia imaginado.

A cidade se comoveu com a morte de Raquel, pois ela sempre ajudava a todos. Muita gente saiu de casa para seguir uma comitiva enlutada no dia seguinte pela manhã.

No cortejo de Raquel, Darena viu ao longe, na multidão, a silhueta de um homem de pele escura com cabelos longos agitados pelo vento e sentiu sua alma estremecer enquanto assistia a uma chuva fina cair ladeira abaixo, rumo à morada dos mortos. Sentiu a eternidade nas mirações daquele olhar.

Retirou o colar do pescoço e o lançou sobre o caixão, sepultando a joia com a amiga. Baixou a cabeça, uniu as mãos em prece, levantou os olhos e viu que a silhueta não estava mais lá. Voltou

para casa e só regressou à morada dos mortos no seu último dia na Terra, para um reencontro consigo mesma em meio ao silêncio e à calmaria.

Depois disso, alguns moradores costumam dizer que no dia de Santa Sara Kali, em 24 de maio, sempre aparece uma mulher andando sobre os túmulos do cemitério de São Tomé com uma saia esvoaçante e um brilho verde luminoso rente ao peito.

A DAMA DO CASTELO

Há como um homem escapar do seu destino? Evitei este lugar durante muito tempo, depois que fui embora aos 16 anos. Regressei para juntar as peças de um quebra-cabeças e confesso que, ainda no calor da estrada, voltei a sentir uma perturbação antiga, familiar, angustiante.

Olhando de fora, o antigo castelo continua imponente no alto da serra, embora suas paredes se revelem frágeis vistas de perto, quando atingidas pelo raio de sol. Adultos, vemos o mundo tão globalizadamente pequeno. Já na infância, tudo se agiganta. Início, meio ou fim da vida, a verdade é que cada etapa tem sua cota de ilusão. Nem somos tão grandes a ponto de determos a inevitabilidade da morte nem tão pequenos que não possamos ressignificar a vida. E a vida é feita de escolhas.

Além da forma serrana que confere ares de melancolia e solidão, pode-se vislumbrar do mirante a Vila do Sossego, que ocupa a parte mais amainada pelo baixo-relevo. Durante a minha infância, raramente via-se no lugarejo atividades febris ou caóticas. Era como se o tempo cochilasse continuamente. Apenas uma vez por ano, na festa da padroeira, o tímido ajuntamento de pessoas se transformava num colorido extasiante, atraindo moradores de regiões mais longínquas. Recordo que, lá de baixo, as pessoas veneravam com temor essa arquitetura mourisca, cujas torres reluzentemente brancas e de topo abaulado contrastam com a aridez opaca da região. Suas galerias de acesso, torcicolosas, em formato de serpente por dentro e por fora, ainda têm como detalhe o acabamento feito em uma textura semelhante a couro de cobra. Alguns diziam ser o labirinto da Dama da Noite – o que nem de todo era apenas conversa de caçador, segundo os moradores mais antigos.

As pessoas temiam o castelo e seus corredores labirínticos tanto pela forma misteriosa com que fora construído quanto pelo proprietário que o idealizou, porque ninguém sabia das suas origens, conhecia algum parente seu, sequer sabiam seu nome. Apenas que seus traços o distinguiam dos moradores como o misterioso sinal que fora posto em Caim.

Quando chegou ao vilarejo, havia poucos moradores. A pequena população o batizou de Zé dos Montes, por viver recluso e circunspecto em seu projeto. De certa forma, a construção atraiu moradores e, desse modo, o vilarejo foi se formando. As pessoas vinham fugidas da seca que fervia o lado leste semiárido para se instalar na serra.

Zé dos Montes quis erguer uma capela, tendo como padroeiras Nossa Senhora de Lourdes e Santa Bernadete. Iniciou em 13 de agosto de 1980, mas a construção tomou outros rumos no sexto ano da obra. O que interferiu na mudança foi a chegada de uma vidente, fugida da seca, que se instalou na localidade dias antes da passagem do cometa Halley – fato que deixou os moradores em estado de alerta porque enxergaram naquela passagem celeste, vista a olho nu, um aviso de mau presságio.

Sabendo da presença dessa nova moradora, benzedeira, que lia cartas, Zé dos Montes enviou um mensageiro, seu mestre de obras, único ser que circulava com mais intimidade e discrição pelo castelo, para que trouxesse a vidente aos seus aposentos. Contudo ela orientou o mensageiro que atenderia seu chefe desde que ele fosse até ela, pois não tinha permissão dos deuses para entrar na propriedade. Foi discreta no horário e no local do encontro: seu jardim, protegido por uma cerca viva e pelas rezas que a protegiam do mundo dos vivos. A catarata levava embora a sua visão, porém isso só intensificou seus olhos espirituais. Disso ele não sabia, mas a mulher passou a vida inteira preparando-se para entregar-lhe aquele recado. Antes mesmo de ele saber o que iria construir exatamente,

ela fora avisada sobre o *homem do castelo* no alto de uma serra e estava ciente da sua missão após a passagem do cometa no céu. Assim, ela o aguardou, sentindo que aquele seria o seu lugar derradeiro. De algum modo, a terra, em energia telúrica, já havia abraçado a senhora de traços cansados e mansos.

Zé dos Montes foi ao seu encontro. Lá chegando, ela ofereceu-lhe uma dama-da-noite colhida do jardim, pediu licença para segredar-lhe algo ao pé do ouvido. Seu mensageiro ficou distante uns dez ou doze passos. Depois, sentindo um mal súbito após a entrega da mensagem, a vidente faleceu em seus braços. Desnorteadado, caminhou de volta para o castelo, chamando atenção de um vizinho, já que nunca andava por aqueles lados. Não sabia se estava perplexo pelo que tinha ouvido, ou pela mulher ser, agora, um corpo sem vida sobre o solo rochoso. Não demorou para que as notícias se espalhassem e as pessoas passassem a temê-lo, associando-o à morte da vidente. A mensagem entregue o preparava para o que estava por vir.

Durante a construção, a um pároco que visitava a comunidade uma vez por mês, ele segredou a motivação para tudo aquilo fora do confessional: Nossa Senhora lhe aparecera em visões, pedindo para realizar aquela obra. Isso conferia um caráter divinal e o apoio moral da igreja tornou mais fácil o desenrolar da obra. O padre se encarregou de repassar a mensagem aos fiéis como Zé dos Montes imaginava, levando, de certa forma, paz aos corações a respeito do idealizador abençoado por Nossa Senhora.

Na verdade, temia revelar o real motivo. A aparição, de fato, acontecia e com frequência, contudo era de uma figura feminina que sempre carregava uma dama-da-noite, trazendo-lhe sempre a mesma mensagem, a de que só deixaria de aparecer quando o castelo, sua morada, fosse concluído. Para ter noites de sono tranquilas, o idealizador da obra construiu uma casa próximo, deixando de morar em um dos cômodos do castelo após erguê-lo. Evitava estar

naquele espaço durante as luas cheias, todavia não deixava de ouvir a voz cobrando-lhe uma morada.

Logo que concluiu a construção, crianças das redondezas começaram a sumir na serra, reaparecendo assustadas, sem querer sair de casa, passando a ter pesadelos à noite. Eu era uma delas. Ninguém nos levava a sério. Vimos aquela mulher com vestes longas e capuz, envolta pela escuridão da noite. Para nós, ela era a própria noite e, como não seria diferente, anoiteceu nossa infância junto. Todas as crianças ouviam um arrastar de vestido na lua cheia.

Em torno daquele castelo, que levou 36 anos para ser construído, as narrativas davam voltas e voltas dessemelhantes e controversas. Eu sempre quis saber o que estava por trás de tudo aquilo. Estudei arqueologia. Depois que Zé dos Montes faleceu, comprei a propriedade que me assombrou na infância direto das mãos do herdeiro.

Avaliei as paredes frágeis. Uma delas, próxima ao oratório, ameaçava ruir. Chamei um mestre de obras para começar a restauração, filho do mestre que executou o projeto original, recebido em sonho pelo seu criador. Muitas coisas ele partilhou comigo, pois seu pai era o braço direito do finado proprietário. Para a minha surpresa, encontramos um diário “sepultado” no reboco dessa parede. Enviei o artefato para ser restaurado por um amigo no laboratório de arqueologia em Goiás. Enquanto ele não me dava notícias, decidi me instalar em um dos cômodos mais seguros do castelo. Eu queria acordar cedo e dar andamento à restauração antes de reabri-lo para visitação. O ruim é que não tinha sinal de celular. Moradores me indicaram a pousada, próxima ao cemitério, mas preferi acordar com a vista apontando para a serra. Convenhamos, é bem melhor do que dar de cara com a morada dos mortos todas as manhãs.

Na primeira noite, fui acordado com um cheiro alucinador da essência da dama da-noite. À medida que se aproximava a lua cheia, eu sentia a essência mais forte pela madrugada, exatamente

no período conhecido por hora morta, entre 3h e 3h 59min. Acabei comentando com o mestre de obras. Ele me deu um conselho: não dormir mais naqueles aposentos desconfortáveis e assombrosos.

No dia em que a lua estava alta no céu, senti a energia telúrica. Havia uma conexão entre a terra e o céu. Meu amigo, um pesquisador de Goiás, tentara ligar para mim, entretanto aquele dia fora tão cansativo que nem descí a serra para me alimentar. Pedi ao mestre de obras a gentileza de trazer uma comida caseira servida num rancho que era referência.

No quarto em que eu estava, o luar era meu cúmplice e companheiro. O cansaço do dia não me deixou contemplá-lo por muito tempo. Adormeci. Não demoraria para eu receber uma visita inusitada em meu quarto. Era Isadora, às 3h da madrugada. Aquele andar único, jogando as ancas, com o quadril oscilando de um lado para o outro, balançando o vestido... Quando abriu o sorriso, tive a certeza de que era ela. A mulher conhecedora das minhas fragilidades, a quem amei e deixei ir embora do Brasil por não ter revelado que a amava tinha voltado para os meus braços. Constatei a verdade no ditado popular: aquilo que tem de ser seu, voltará para você. E cá estava ela.

“Marcos, não tenha medo. Precisamos conversar. Eu não sou quem você imagina” - disse-me Isadora, com a voz inconfundivelmente doce.

“Isadora, até entendo que tenha mágoa por eu não ter pedido para você ficar no Brasil. Nunca a esqueci. Você continua sendo a mulher dos meus sonhos. Agora somos adultos e não há espaço para você brincar comigo deste jeito. Se você conseguiu chegar aqui, precisa exercitar a escuta. Fui tolo. Entretanto a vida está nos dando uma segunda chance. Também não sou mais o mesmo, exceto por nunca tê-la esquecido” – desabafei numa sinceridade de confessor, como se ela pudesse perdoar meus erros do passado, fruto da imaturidade juvenil.

Ela fez um ar de riso, aquele riso de canto de boca que eu conhecia bem. Ah, ela não perdera a capacidade de me tirar do sério...

“Se você não é Isadora, quem é você afinal, a sócia da Isadora?” – questionei como uma brincadeira infantil.

“Ouça bem. Vim em uma missão: realizar seu desejo. Para isso, você precisa me prometer que dormirá comigo por duas noites. Hoje, serei Isadora. Amanhã, virei como sou, a Dama da Noite. Saiba que este castelo é a minha morada, contudo eu só apareço nas noites de lua cheia. Se concordar comigo, permaneceréi aparecendo para você nas próximas luas cheias até seus últimos dias de vida. Evoca-me três vezes como Dama da Noite e entrarei em sua vida” – disse-me com uma voz manhosa, cujas intenções eu conhecia bem, insinuando-se por debaixo do vestido transparente, arrancando de mim uma resposta afirmativa.

Meu corpo já estava dizendo sim antes mesmo que eu verbalizasse, e ela sabia disso. Sentei na ponta da cama evocando-a e estendi os braços numa conivência desejosa de luxúria. Ela veio em minha direção, ofereceu-me os lábios que eu mordi em febre. Encaixou-se no meu corpo, deslizando com seu sumo maduro. Nossos corpos se comunicavam e a sensação inexprimível de estar novamente com Isadora arrancava-me do meu próprio corpo. Finalmente, quando conseguimos abrandar as nossas carnes, sussurrei ao seu ouvido algo um tanto clichê, porém real: “Saudade de tudo em você...”. Antes que eu seguisse na conversa, ela silenciou-me com um beijo, levantou-se em silêncio e desapareceu por um dos corredores torcicolosos do castelo. Quase não dormi de tão excitado que fiquei novamente.

Pela manhã, o mestre de obras percebeu uma alegria suspeita em meu sorriso, o qual eu ostentava na cara junto à minha cabeça distraída. Discreto, não fez perguntas, contudo ainda insinuou, como se quisesse me provocar a fazer alguma revelação dos motivos pelos quais eu estava tão fora do mundo após a lua cheia. Ele não fa-

zia ideia. Há 10 anos eu não encontrava Isadora. Ao mesmo tempo, quando me deitei com ela, fui transportado para a nossa juventude.

Faminto, desci para almoçar no rancho. Foi então que vi mais de 20 chamadas do meu amigo, mensagens no WhatsApp, SMS. Devia ser mesmo urgente o que ele queria me dizer, pois nunca fui tão procurado. Para ser mais rápido, liguei.

“Finalmente, você está me ligando de volta!” – disse-me Horácio, aflito.

“Acalme-se, Horácio. Estou bem. Aliás, maravilhosamente bem. Você sabe que lá no alto não pega celular” – falei, tentando acalmá-lo.

“Ontem foi lua cheia, Marcos. Você viu algo?” – perguntou-me com angústia no tom de voz.

“Você nem vai acreditar quem esteve comigo!” – revelei com efusiva alegria.

“Isadora?” – respondeu-me, sem demonstrar surpresa alguma.

“Como você adivinhou de primeira, meu amigo? Isadora estava fora do Brasil. De repente, ela apareceu no meu quarto. Eu não consegui segurar a saudade. Você sabe que, para mim, ela é única e diferente de todas as...” – revelei, sendo interrompido antes de concluir meu pensamento.

“Marcos, Isadora morreu faz uma semana!” – informou-me secamente.

“Não, Horácio, ela esteve comigo na madrugada de ontem. Era ela: o corpo, o sorriso, o jeito lânguido de falar quando quer algo... A única coisa que estranhei foi a brincadeira de ela dizer ser a Dama da Noite. Claro que não levei a sério. Hoje ela estará comigo novamente e vou conversar com ela” – partilhei com inquietação.

“Escuta, você precisa se proteger. Ela não é Isadora. Eu recuperei o diário que você me enviou. Zé dos Montes foi assombrado

por essa mulher também. E as crianças não estavam sugestionadas pelas narrativas dos mais velhos, elas viram uma assombrosa presença feminina cujas vestes tinham os tons da noite escura. Você mesmo a descreveu assim para mim, lembrando sua infância, quando fomos colegas no curso. Ou acaso se esqueceu daquele chão onde havia vestígios de um arrastar de vestido? As crianças temiam andar pelo vilarejo quando percebiam a presença daquele ser. A Dama da Noite é um espírito antigo, Marcos, uma bruxa que oferece aos homens duas noites de prazer. Na primeira, ela materializa a mulher dos sonhos eróticos da pessoa. Já na segunda, o homem tem uma noite com ela mesma. Acontece que, quando faz a proposta, logicamente os homens aceitam por estar transfigurada no objeto de desejo deles. Ontem você teve a impressão de dormir com Isadora, mas hoje, sabe o que lhe espera, amigo? Uma genitália dentada para devorá-lo. Sabe por que Zé dos Montes sobreviveu? Porque uma vidente ensinou-lhe a escapar daquela vagina dentada. Ainda assim, o espírito dela o atormentou até seu último dia de vida. Isso está no diário” – revelou-me Horácio quase num fôlego só.

“Horácio, estou sem palavras. Enquanto você explicava, eu me lembrei de alguns detalhes da noite que tive. Pedirei ajuda a São Jorge porque, pelo que estou vendo, hoje vou enfrentar um dragão. Se eu ligar amanhã é porque sobrevivi. Deseje-me astúcia, pois sorte já estou tendo” – finalizei pensativo, ainda tendo passado duas horas com Horácio ao telefone, absorto com os detalhes que Zé dos Montes registrou em diário.

Dispensei meu mestre de obras naquela tarde. Fui passear pela serra. Precisava de ar puro, de uma iluminação. E se eu não voltasse ao castelo? Seria uma escolha plausível, porém outro seria devorado em meu lugar, certamente. Era preciso pôr um fim a essa maldição. Há quanto tempo isso já vinha acontecendo? Zé dos Montes seria o único? Esvaziei a mente na caminhada e pensei numa estratégia.

Quando subi para o castelo, já era noite alta. A lua cheia iluminava uma lateral da construção mourisca, deixando a outra parte em escuridão. Como um mesmo lugar pode guardar luz e sombra ao mesmo tempo? Assim são os espaços, assim são as pessoas e também os diários deixados por elas.

Coloquei os pés no hall de entrada do castelo. Avistei um pequeno altar fazendo as honras da casa. Parecia que eu tinha acabado de entrar no Templo de Circe. Nele, podia-se ver Asherah em suas formas arredondadas, iluminada pela luz de velas, de forma a atrair o primeiro olhar a perscrutar aquele ângulo do cômodo. Ao redor da pequena escultura, espalhavam-se os castiçais com velas coloridas, aromatizadas com um cheiro alucinador de dama-da-noite. Em tamanhos menores, pares de deusas posicionados em locais diametralmente opostos, compondo uma mandala divinal: Ishtar e Lilith, Hathor e Rati, Aine e Freya.

Eu me dirigi ao quarto, levando dentro do alforje a minha arma, julgando-me preparado para enfrentar a minha anfitriã. Deus há de me perdoar porque roubei água benta da sacristia para derramar sobre a arma que trouxera comigo.


Ela apareceu majestosa, sob uma capa transparente que ia dos seios até os pés. O capuz aflagava sua pele coberta de uma beleza divinal. Meus olhos contemplaram uma deusa sagrada por entre as luzes de velas artesanais. Ávido e com o meu espírito salivando, deixei que as minhas mãos brincassem com aquele corpo também sedento. A cada toque, um cheiro de dama-da-noite penetrava as paredes do quarto. Aquele cheiro me deixava um pouco tonto. Guiado pelo desejo e pelo temor, beijei as suas curvas numa excitação inebriante e mortal. Ela me sentiu rijo. É difícil para um homem não reagir à deusa milenar da luxúria.

Quando estava pronta para me receber, não tive força suficiente para usar a minha arma. Meu livre-arbítrio desarmado rastejou até a borda de todas as vontades humanas quando guiadas pelo

desejo. Supliquei a ela que me proporcionasse o maior prazer jamais sentido por um homem, algo entre o humano e o sobrenatural. Um aceno de cabeça foi feito, enquanto a sua língua se desenrolava, semelhante a de uma serpente, besuntando-me com uma saliva quente, enroscando-me em movimentos ondulatórios que ora pressionavam ora aflagavam todo o meu corpo e minhas zonas erógenas. Um prazer extrassensorial exalava pelos meus poros, como se a minha alma saísse do corpo. Eu sentia os sons, os cheiros e o prazer misturados com uma intensidade alucinante, tão amplificados que desejei morrer dentro dela.

Penetrei-a. Ela me atendeu, concedendo-me um prazer jamais experimentado em minha humanidade, porém uma parte de mim foi decepada. Primeiro, o sêmen. Depois, o sangue jorrando... mas aquela saliva privou-me de toda e qualquer dor. Eu sabia que sangraria até a morte, por isso estou deixando esse áudio gravado no celular para que saibam o que me aconteceu. Nesse momento, sinto um cheiro inebriante e nem sei mais o que é real ou ilusório. É como se todas as damas-da-noite estivessem reunidas, velando o meu corpo, enquanto experimento ondas constantes de prazer. Isadora está sorrindo para mim, vindo em minha direção. A vida é feita de escolhas e eu escolhi o prazer mortal. Não sou mais um homem, sou o êxtase. Para sentir tudo isso, eu morreria novamente.

A VIAGEM

ão sei onde eu estava com a cabeça quando aceitei o convite de uma amiga para conhecer uma aldeia indígena e participar de um ritual do povo que habita a região de Águas Belas. Dos males, o menor: “É melhor dever um favor a uma amiga do que a um estranho” – pensei ao aceitar. E foi bem isso: o pagamento de um favor a Marcela, já que ela estava sem carro e eu disponível naquele final de semana.

Planejei passar a noite e regressar no dia seguinte. Coloquei na bolsa tudo o que julguei ser necessário para essa curta viagem: roupas leves, repelentes, frutas secas, uma coberta e meu ceticismo, que não era pequeno.

Aquele dia não começou bem. Discuti feio com dona Norma, minha mãe, porque ela insistiu para eu levar o terço de madrepérola que minha avó me deixou como herança. Junto com o seu último desejo, vovó também semeou o ciúme no coração da minha irmã mais velha, beata de igreja. Até pensei em doar o objeto, que teria mais serventia para o sangue do meu sangue, porém a saudade que eu sentia da matriarca da família me fez guardar a relíquia como recordação.

Coloquei o objeto na bolsa, a contragosto, para encerrar o assunto e estabelecer um período de trégua. Tomei uma xícara de café com uma pergunta engasgada: afinal, qual a serventia de um terço numa aldeia indígena e ainda mais nas mãos de uma pessoa agnóstica que nem eu?

Saí sem dizer uma palavra. Foi o suficiente para meu pai e minha irmã ficarem furiosos, ao perceberem que minha atitude deixou mamãe entristecida. Pensei com o meu silêncio: por que vó Nina,

mesmo depois de morrer, ainda consegue impor as coisas? De certa forma, um morto só revive se tiver um zelador da sua memória.

Peguei o carro, segui para a casa de Marcela, que percebeu meu azedume e logo me deu as coordenadas para a aldeia, localizada no interior do interior do interior. Enquanto o dia definhava e eu me docilizava para ficar socialmente apresentável, nós seguíamos numa verdadeira saga: entrávamos de propriedade em propriedade, abrindo porteira, fechando porteira. Eu me sentia uma peça num jogo de RPG. A impaciência começou a roer meus ossos, violentando meu sangue nas artérias até que, finalmente, chegamos a uma porteira com uma placa pendurada, carcomida pelo tempo, onde se lia: Aldeia Nhemimbaba.

“Chegamos! Aprecie o silêncio, amiga. Boa viagem!” – disse-me Marcela num tom instrucional, fazendo-me recordar a minha infância com dona Norma dizendo para tomar um remédio amargo porque me fazia bem. Assim, pensei com um sorriso amarelo na cara: “E eu tenho outra escolha? Quem está na chuva, toma o ‘remédio’ com colher”.

Um grupo de 20 pessoas, distribuídas uniformemente, margeava o pajé, formando uma mandala humana. Cada uma estava exatamente onde deveria ficar. Eu estava tão acostumada com o barulho de trânsito, da tecnologia, das pessoas, que estranhei o silêncio constrangedor saído da mata, exceto pela sinfonia de grilos à luz dos pirilampos. Lembro a beberagem e o som de maracás numa repetição mântica.

Em um dado momento, no céu, o halo lunar parecia descer sobre mim. Uma vontade de rir me atravessou ao pensar nas sensações corpóreas que a bebida de Tupã estava causando misturada às palavras de Shakespeare que minha mente trouxe num rompante: “Há mais mistérios entre o céu e a terra do que a vã filosofia dos homens possa imaginar”. Ao que completei em pensamento, “há o halo lunar, o halo lunar, Shakespeare”. E me sentindo um Hamlet,

estava eu conversando com o espírito shakespeariano dentro da minha cabeça.

Consegui conter o riso, ainda mais quando uma espécie de entorpecimento tomou conta dos meus movimentos. Eu estava inerte no corpo enquanto a minha mente funcionava a mil por hora. “Espero não ser presa por excesso de velocidade!” – pensei, fazendo um esforço medonho para não rir da situação e do meu TDAH. Um auxiliar do pajé percebeu minha inquietude, deu uns passos em minha direção, pedindo para eu respirar pausadamente e manter os olhos fechados. Antes de ir para longe, sussurrou em meu ouvido: “Lute contra os seus demônios, mas tenha cuidado para não destruir o que há de melhor em você. Boa viagem!”.

Que coisa! Mais uma pessoa que me recomendava uma boa viagem. Afinal, o que Marcela e o assistente do pajé queriam me dizer? Eu já não era uma viajante? Quando menos esperei, todas as sensações se agigantaram. Ao mesmo tempo, dentro de mim, acordavam em meu corpo: uma loba que fareja, uma coruja que rasga o céu noturno sem barulho, uma traça-da-cera com perfeita acuidade auditiva. Travei porque a coisa ficou intensa. Perdi o domínio sobre o meu corpo, porém a mente parecia uma draga barulhenta em pleno funcionamento.

Os maracás balançavam e, sem conseguir me mover, vi umas tantas mágoas que estavam debaixo do tapete do meu inconsciente. O que pode ser mais assustador do que você se deparar com o que há de pior dentro de si sem poder se mover, sair correndo do lugar? Aos poucos, minha respiração foi ficando leve, distante, até que se rarefez.

Quando as pessoas não conseguiram mais ouvir as batidas do meu coração e nem o sopro de vida com o qual damos literalmente o ar da graça, chegaram à conclusão de que eu havia morrido. Mas eu estava lá. Eu tentava gritar, pedir ajuda, mas não conseguia. E pela primeira vez me senti uma morta-viva.

Percebi a gravidade da situação quando senti as pessoas do ritual, ao meu redor, chamando, dando tapinhas no meu rosto, em vão. Enquanto isso, eu ouvia todos os presentes de forma amplificada. Sirene de ambulância ou carro da funerária? Eram tantos barulhos e nenhuma saída.

De repente, vó Nina surge, segurando o terço de madrepérola. Estava diferente. Não era uma mulher, era uma incógnita que se oferecia à leitura mais angustiante da minha vida – ou da minha morte? Ela balançava o terço, enquanto dava voltas em torno do meu corpo. Pensei: “Deu ruim! Se ela está aqui, das duas uma: ou ela voltou dos mortos, ou quem está morta sou eu”.

“Só precisava trocar umas palavras com você” – disse-me, contemplando meu estado agravado de catalepsia.

Ela nem mexia os lábios. Tampouco eu. Uma conversa mental para quebrar o gelo não era bem-vinda. As minhas emoções estavam todas lá, mas o meu corpo parecia desconectado. Foi quando me senti transportada de volta para casa. Eu tentava balbuciar algo.

Lá para as tantas, minha mãe chorando, meu pai tentando acalentá-la. Pessoas amigas chegando, posicionando-se ao meu redor – algumas delas, eu julguei mal. O mais curioso, onde estavam Flavinha e Tereza, minhas inseparáveis amigas? Por que só estão ao meu redor as pessoas que feri ou me feriram? Eu pensava nisso, tentava falar: “Estou aqui, aqui! Não me enterrem, pelo amor de Deus!”

Um cheiro de hortênsias misturado ao de flores do campo invadiu o espaço. Aliás, o meu espaço: uma moldura de madeira. Ao lado, velas. Tentava me mover, sinalizar que eu ainda estava ali. Não era possível que eu fosse embora daquele jeito. Olhei para vovó Nina e perguntei se ela faria algo mais útil além de segurar aquele terço.

“Você precisa entender essa viagem, Marcela” – vó Nina mentalizava, dialogando comigo.

De repente, entrou um padre para encomendar meu corpo. A minha mente clamava: “Padre, por favor, me veja!”. Exatamente no momento em que mais precisei que ele enxergasse com os olhos do espírito, ele ficou me devendo essa.

Senti raiva, revolta, mas meu corpo nem de longe refletia isso: “Estou aqui, estou aqui! Não me enterrem!”

As pessoas choravam: “Por que ela? Tão jovem...”.

Minha mãe não deixava fecharem meu caixão. Pedi mais três minutos, mais três minutos... de repente, alguém poderia ver que eu me mexia. Minha mãe chorando, agarrada à alça daquela moldura de madeira.

Quando o relógio bateu 4 horas de eternidade, uma ordem dada com voz cava vibrou: “Não podemos mais esperar”.

“Estou aqui, estou aqui! Por favor, não me enterrem!” – mentalizei, perdendo as esperanças.

A mesma voz ressoava rouca em meu ouvido: “Se você levantar, o velório acaba”.

Foi então que o efeito da medicina indígena passou e eu recobrei os sentidos. Com a alma no corpo, eu vi que ainda estava na Aldeia Nhemimbaba.

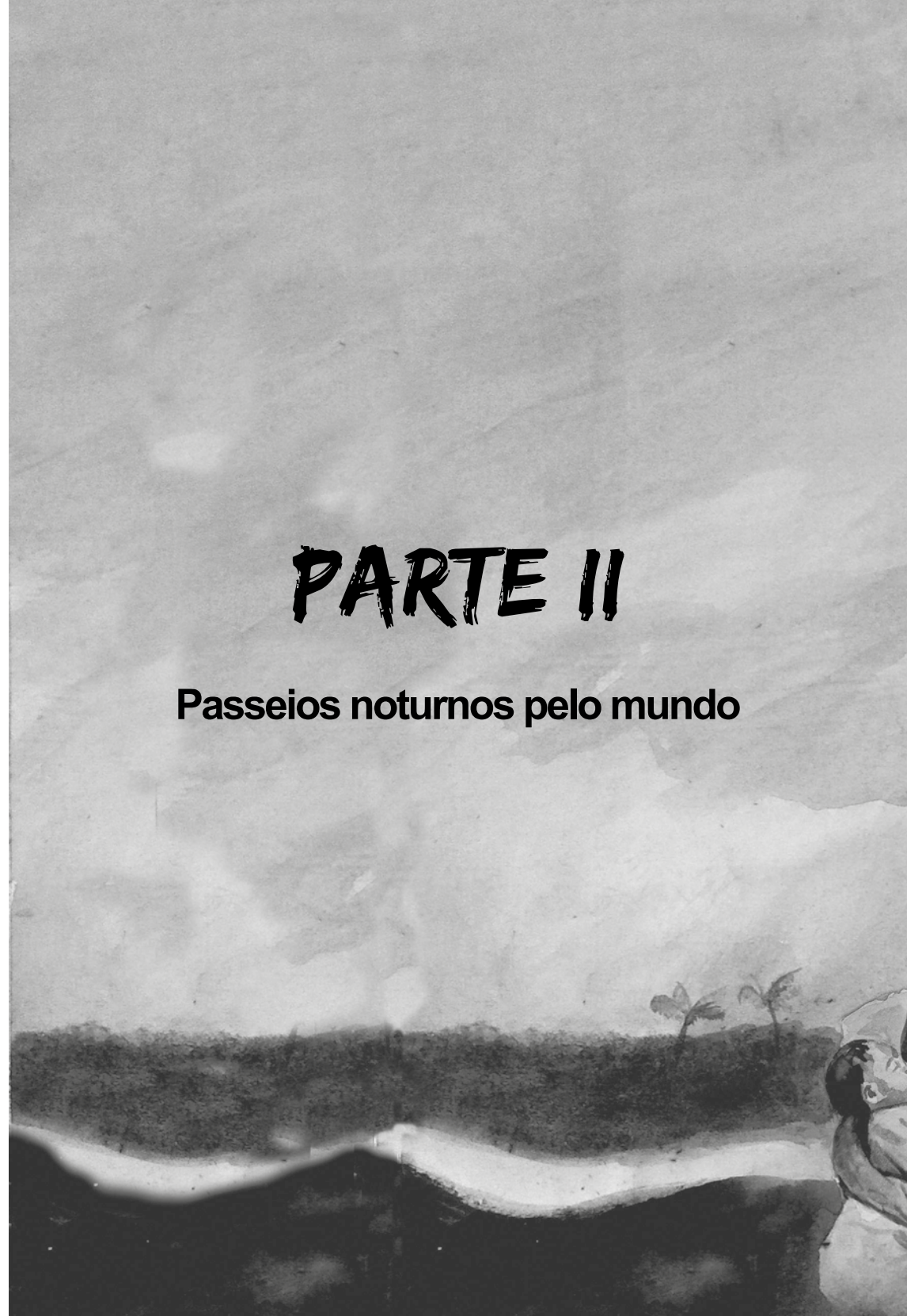
Tão logo tive condições, voltei para me reconciliar com a minha mãe e meu pai. Eu tinha pressa. Em uma semana, procurei as minhas verdadeiras amigas, aquelas que se importavam comigo, tal como vi nas mirações da medicina.

Depois de pedir perdão a todos eles, ter longas conversas com quem eu precisava fazer reparações, ao final daquela semana, vi um vulto passando para o meu quarto. Era vovó Nina, dizendo que estava na hora, na minha hora.

A última imagem que vi foi a do terço de madrepérola partido no chão e com as contas espalhadas por todos os lados.

PARTE II

Passeios noturnos pelo mundo



A TAVERNA

O sol se converterá em trevas, e a lua em sangue, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor. (Joel 2:31)

Em um curto intervalo de três meses, duas jovens já haviam passado pela gerência da Taverna, um conhecido pub que produzia um drink conhecido mundialmente. Sabendo da vaga, ela candidatou-se. Gastrônoma, Mary era estrangeira, mas se passava por uma inglesa graças ao pai, que lhe deixara como única herança os traços, o jeito britânico de ser, além do domínio impecável do idioma. Fora atraída para trabalhar após ler um anúncio em um jornal que soava para ela como boas-novas, oportunidade única para se estabelecer na terra dos seus sonhos e dos seus ancestrais.

Malas prontas, agasalho amarelo, cruzou a linha do Equador e se apresentou naquele que seria seu novo ambiente de trabalho, cuja marca registrada era uma flor de lótus, habitante das águas lentas e doces. Para sua surpresa, foi recebida por Ethan e Sebastian, dois funcionários antigos, que lhe trouxeram novas orientações, instruídos a passar o endereço e levá-la ao carro com o motorista que já a aguardava naquele fim de tarde chuvoso. Os demais contratados da Taverna nunca viram o rosto do patrão, um ser pragmático e metucioso. Segundo relatos, parecia ser um homem de meia-idade, contudo o tempo se negava a deixar vestígios em sua pele. Era elegante, circunspecto e deixava a impressão de sempre estar envolto por uma aura de mistério tão atrativa quanto incômoda. O local da entrevista e treinamento: Castelo Bellister, residência do proprietário da Taverna.

Impelido por uma urgência angustiante, o motorista desceu do carro e entregou seus pertences. O meneio com a cabeça apon-

tava a direção do portão central. Despediu-se dela, pois tinha algo para realizar a pedido do chefe. Ela sentiu um frio entranhando-lhe nas carnes. De alguma forma, intuiu que estava sendo observada de todos os ângulos e ao mesmo tempo. A cada passo que a aproximava do portão central, via com maior nitidez dois olhos observando-a da sacada, como discretos e pequenos faróis acesos.

Como um corpo que se move sem destino, ela caminhou deslumbrada na direção do pórtico de entrada, erguido naquela região próxima à fronteira com a Escócia. A fortaleza havia sido reformada no século XIX, anexando um pedaço de vida aos restos ruinosos de uma antiga torre do século XIV, que, até então, ela só conhecia por fotos. A cidadela erguida em Haltwhistle destoava das discretas e longínquas edificações daquela região periférica em que fora construída. As paredes confessavam a idade da construção e o seu passado. Eram isentas de rastrilho, tornando a entrada convidativa à contemplação. O suntuoso arco ogival que emoldurava o portão deixou Mary petrificada. Talvez tenha sido a melhor forma de iludir o olhar humano, distraíndo-o das partes mais antigas da propriedade, que foram deixadas em decadência, já que contrastava com os indícios de restauração do portão. Se a ansiedade não tivesse tomado conta do seu corpo, será que ela perceberia os vestígios do misterioso incêndio ocorrido em 1901? Bastava uma olhadela na lateral em que se destacava uma seteira, local de onde muitas flechas saíram em frêmito das aljavas de guerreiros. O alumbramento a fez até se esquecer da chuva e da frase que a avó tentou bordar em seu coração: “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara”.

A porta se abriu de forma cinematográfica e um tapete vermelho convidativo foi seu anfitrião. Mary ensaiara entrar com imponência, mas tudo o que conseguiu foi uma reação resignada, típica das mariposas hipnotizadas e arrastadas pelo feromônio enganoso exalado pelas experientes aranhas. Um cheiro acentuado de *capsicum frutescens*, uma variedade de tabasco, se desprendia do interior e

penetrava-lhe as narinas como se a pimenta estivesse sido macerada e adormecida em barris de carvalho. Ela já usara em molhos nos pratos que aprendeu a fazer quando esteve no estado da Luisiana (EUA) e em Xalapa, no México. Algo lhe era familiar e isso, por um breve momento, a fez relaxar os músculos tensionados pelo Velho Mundo, pelo novo emprego e pelo território do seu novo patrão, o senhor H.

Enfim, entrou no castelo. Estacou no *hall* de entrada, contemplando a sala luxuosamente ornada. Um enorme lustre gótico ostentava solitário seus cordões de cristal. Na parede à sua esquerda, uma iluminura – que arrancou de Mary um inicial ar de riso – contava uma lenda do século XIII, a dos *Três Vivos e os Três Mortos*: em uma caçada, três cavaleiros aventureiros estavam em uma cavalgada quando encontraram três cadáveres em seu caminho. Conquanto não soubessem, os mortos eram seus ancestrais que apareceram para avisar: “Quod fuimus, estis; quod sumus, vos eritis”¹, frase que estampava a realidade cuja inicial era trabalhada em arabescos. Na outra extremidade da sala, um vitral captava a luz do dia, convertendo-a em um tipo de iluminação intimista e sombria que mirava o único texto daquela pintura decorativa. Mas Mary não sabia latim. Sentia-se pequena perante aquele espaço que se agigantava diante dos seus olhos. Acaso o mundo não é isso, uma sala de estar em um castelo, na qual nos sentimos pequenos, atordoados e perdidos? O “olá” dito por Mary fazia um eco desconcertante. Onde estavam, afinal, os seres daquele lugar? Ainda que não esperasse uma recepção calorosa, estava ali para a entrevista e ansiosa para ocupar o tão pretendido cargo.

Em um instante, algo apareceu por trás dela como que saído das sombras, respondendo com uma voz cava, inconfundível: “Boa tarde”. Tomada pelo susto, ao notar o ser, Mary gritou. De onde teria vindo se não estava com o corpo molhado de chuva e ela ainda se encontrava no hall de entrada do castelo? Refeita do susto, o

homem falou com mansidão, convidando-a para um chá: “Siga-me”. E nada mais disse até ambos tomarem seus assentos nas extremidades da enorme mesa retangular cujos pés tinham forma de lira. A porta se fechou silenciosamente.

Ela teve oportunidade de enxergar o seu rosto mais de perto, porém o susto à meia-luz a impediu. Agora observava de longe aquela face que parecia lhe acenar com discreta gentileza. Mary interrompeu o silêncio, falando sobre o tempo – um clichê muito bem-vindo para quebrar o gelo com um inglês. Após alguns minutos sem resposta, ela se convenceu de que escolhera mal o assunto para início de uma conversa, afinal não existem segundas chances para se causar uma boa primeira impressão. Ao notar uma nuvem cinza de desânimo se apoderando das faces rosadas daquela jovem, o senhor H. esboçou um esgar no rosto, respirou pausadamente e falou sobre Cronos. Com uma voz cândida, aquele homem fatiava o tempo em camadas, como se as tivesse atravessado.

As horas transcorriam e o verbo ganhava vida com os olhos receptivos de Mary vidrados naquele ser que fiava o tempo. A atmosfera mítica das primeiras narrativas, aquelas que serviram de fonte para grandes civilizações antigas, amaciava a carne da nova conviva. O senhor H. sabia penetrar pelos ouvidos no coração de uma mulher, embora não tivesse um. Além do mais, não faria bem a Mary, ao senhor H. e à Taverna que a nova gerente fosse acometida de tristeza, tensão e ansiedade. Os funcionários ainda aguardavam a chegada dela que, já aprovada, permanecia no coração do Castelo em treinamento.

Na Taverna, os negócios iam muito bem. Turistas do mundo todo viajavam longas distâncias para conhecerem-na, aceitando pagar grandes fortunas só para provar o tradicional drink cujo sabor era incomparável e acessível apenas aos mais ricos do mundo. Então, para aquecer ainda mais os negócios, o proprietário, que quase nunca era visto no pub, mas que dominava o mercado publi-

citário, viralizou no mundo uma convocatória para o evento que já planejava com os dois funcionários mais antigos e de sua extrema confiança, a NOITE DA LUA DE SANGUE, na qual os tradicionais drinks seriam servidos para dois grupos de pessoas distintas: as que pertenciam a um seleto grupo disposto a pagar um valor exorbitante para ostentar e aliviar os seus frenesis; e as que jamais poderiam pagar pela bebida, contudo aceitariam qualquer condição para tê-la. Estas últimas seriam escolhidas pelos líderes de seus países para um combate na Arena Flor de Lótus, construída para os jogos na Romênia, exatamente na fronteira entre a Valáquia e a Transilvânia, no sopé dos montes Cárpatos. Cada continente podia enviar 100 competidores, dos quais apenas três sobreviventes teriam garantida a viagem para a Inglaterra com tudo pago pelo anfitrião, com direito a degustar a bebida e ainda receber uma substancial soma em dinheiro. A revelação causou histeria coletiva com consequências deletérias, pois a humanidade estava na linha tênue entre a civilidade e a barbárie. A crise hídrica, a escassez de comida, o inchaço populacional e a descrença política eram uma combinação explosiva e o senhor H. conseguiu agregar à experiência publicizada um valor de culto para além do monetário.

Naquele ano, o fenômeno na lua aconteceria no dia 13 de agosto, em pleno verão inglês, e a humanidade estava em polvorosa para degustar a bebida sagrada. Enquanto pessoas do mundo inteiro se esforçavam desesperadas para serem escolhidas, Mary não percebera que estava sentada à mesa, ouvindo as narrativas do senhor H. há cinco meses. Sua pele aveludara-se e ficara mais alva que de costume. Seus cabelos assemelhavam-se às crinas negras dos cavalos, realçando ainda mais o único azul celeste que o senhor H. poderia contemplar: seus olhos, agora domesticados e mantidos na dependência daquela fortaleza. Concomitante a isso, degustava o banquete especialmente preparado para ela. À medida que lhe contava as histórias, Mary se deleitava, experimentando iguarias

de diversas épocas e culturas. Ele a conduziu pela Assíria, passou pela Pérsia e também Babilônia... Distraída, ela não percebera como o Ghoul estava ali presente em todas as narrativas partilhadas.

Quando já se aproximava o ciclo de seis meses, o senhor H. interrompeu as narrativas, afirmando que Mary finalmente estava pronta para assumir a gerência da Taverna. Muitos corpos viriam dos rincões da terra, atraídos pela Noite. Sua posse seria comemorada na data do eclipse total com a super lua.


No dia em que as estrelas se esconderam aflitas, o sol se converteu em trevas e a lua em sangue, o senhor H. andou como uma sombra na noite pelas ruas. Na Taverna, pessoas de todos os continentes, em febre, pelo drink. No balcão, à vista, tomates-cereja esperavam para compor a bebida: suculentas, irresistíveis. O líquido sagrado passara a ser uma promessa genuína e única, exatamente como o proprietário procurava há dois séculos. Como quase ninguém conhecia o seu rosto, entrou no estabelecimento sem ser notado, subiu as escadas em direção ao discreto gabinete que se assemelhava às casas de caça. Ethan e Sebastian foram os responsáveis pela preparação do corpo. Mary já chegou desacordada e foi conduzida pelos funcionários ao mesmo gabinete, logo após a chegada do senhor H.

Recobrados os sentidos e despertada da letargia, estava amarrada a uma estrutura de madeira no formato de uma ankh. Do ângulo em que se encontrava, viu dois crânios empalhados na parede. Eram as gerentes que lhe antecederam no cargo. Tentou gritar, mas desaprendera a falar sob o domínio do senhor H. Além disso, no interior de sua boca, garganta adentro, ela estava infestada de organismos vivos que se moviam, impedindo-a: eram as línguas de todas as mulheres vítimas do senhor H., que chegou acariciando aquele rosto apavorado e frágil. Enquanto a cabeça de Mary se debatia, perturbada pelas vozes internas incontroláveis das outras mulheres, ele gargalhava, deixando à mostra suas presas e se refes-

telando no rubro sangue da estrangeira, gotejado das suas entranhas. Não resistindo ao cheiro de vida adocicado que ela exalava, após separar uma porção generosa para a confecção da bebida, começou a se deliciar por entre os nacos da carne succulenta besuntada com o vermelho vivo que sugava com glotonaria. “Para trabalhar aqui, tem que dar o sangue, minha jovem...”, ironizou perante a expressão horrorizada, logo voltando a farejar aquela pele aveludada, na qual roçava em busca de uma veia pulsante naquele já degradado sistema circulatório. Inflamado de paixão, sugou o resto de vida daquele corpo pálido até ficar completamente saciado.

Um doce e intempestivo cheiro de sangue agarrava-se ao assoalho, desfalecendo um perfume que se desprendia do agasalho amarelo que ela vestira. Seu corpo agora era uma escultura de mármore, réplica perfeita, em tamanho real, de *Mulher mordida por uma serpente*, de Auguste Clésinger. No térreo, um grupo diminuto de pessoas degustava o líquido sagrado e inebriante, feito à base de vodka, suco de limão, suco de tomate, pitada de sal, pitadas de pimenta, gotas de molho inglês, lances de tabasco e um ingrediente secreto que tornava tudo doce e viciante. Cada convidado, uma única dose. Para a última gerente, uma noite durou seis meses. Para o público, vinte e quatro horas e um corpo com sangue macerado. Naquele mesmo ano, a Flor de Lótus ganhou o prêmio de gastronomia com aquele drink, considerado o melhor do mundo, batizado de BLOODY MARY. Até hoje, a bebida cor de sangue vivo, rubra como as paixões violentas, continua enfurnando barcos, homens, corações que a buscam. Nenhuma, porém, se comparou àquela servida no dia 13 de agosto.

O GRANDE SONO

le sempre consultava a previsão do tempo antes de sair de casa, mas não naquele dia. Estava deveras distraído, aguardando um telefonema que decidiria sua vida. Bastava que levantasse o olhar na direção do céu, mas sua cabeça pendia para baixo, puxada pelo estado de alerta em que se encontrava, monitorando o celular. Não perdera a capacidade de ler tempestades que se avizinhavam, contudo adormeceu os sentidos para o mundo quando mais precisava deles. O tempo, em neve, se precipitava...

Geólogo de formação e representante de uma instituição tecnológica de Zurique, há duas semanas aportara em solo norueguês para uma rotina de reuniões e pesquisas sobre o Graben de Oslo, um vale alongado repleto de valas, ou trincheiras, na superfície rochosa, que o fez ter uma leve saudade de Itarantim, na Bahia, sua terra natal. Das muitas fendas do Graben, dava para ver que ele estava mesmo em uma vala. Sua passagem de volta para Zurique estava agendada.

Ele tinha três opções para fugir da grande nevasca que se aproximava: o Museu Munch, com um café no térreo; a Pizzaria Villa Paradiso Munch Brygge; ou a Cafeteria Fuglen Coffee Roasters. Como só tinha mais dois dias em Oslo, escolheu o primeiro lugar, que saciaria as fomes que carregava.

Em um primeiro momento, agradeceu a Odin pela tempestade. Depois perguntou jocosamente se o deus poderia deixar seu filho, o mais poderoso do panteão nórdico, liberar uns raios para que ele passasse mais tempo dentro do museu, pois a hora de fechar se aproximava. De algum modo, queria conhecer a famosa pintura

de Edvard Munch que retrata, em primeiro plano, um ser fantasmagórico, com um rosto pálido, em frente a abóbodas celestes de cores brilhantes.

Durante o tempo em que degustava o tradicional bolo verdens beste, viu descer um clarão incomum. “Relâmpagos são avisos! Tudo o que falamos ou pedimos costuma acontecer neste lugar”, disse-lhe a garçonete com um sorriso sombrio de canto de boca. Recebeu aturdido aquele comentário, já que não tinha trocado uma palavra sequer com a mulher. A cômoda sensação de segurança por estar debaixo de um teto começou a ruir. Do lado externo, a neve trancava a porta do museu. O pequeno pedaço do bolo desceu ígneo, acompanhado pelo café e pela intuição que sempre sentia antes de ocorrerem grandes desastres geológicos. Soltou a xícara que se espatifou no chão, desenhando um rio lúgubre.

Atordoado, fugiu o mais rápido que pôde da presença daquela funcionária cujos olhos estavam cavados pelas olheiras. Encontrou breve refúgio em um compartimento do museu. Esforçou-se para canalizar umas poucas esperanças no *tour* que planejava. As telas expressionistas e impressionistas de Munch, contudo, foram incapazes de dar aquilo que tanto necessitava no momento: alívio. Ele saiu da lama para cair num atoleiro. Ainda assim, caminhou ressabiado.

A Tempestade, de Munch, soprou em seus olhos uma lembrança dos acontecimentos lá fora e uma voz anasalada anunciou nas caixas de som espalhadas pelo ambiente que, por medida de segurança, o museu ficaria fechado até que tudo se acalmasse lá fora. O tempo, as pessoas e as esperanças estavam instáveis. Uma angústia fustigou os pelos do seu corpo. Passou os olhos por *Ansiedade*, sentindo que estava sendo observado não somente pelas personagens da tela. Ninguém além dele naquele cômodo, a não ser o pavor que se acentuava incomparável aos graus negativos lá fora. A impressão de ser esquadrihado pela tela o perturbou ainda mais. Por um

momento, pensou em rogar aos deuses nórdicos, mas declinou da ideia. Já os havia provocado.

Entrando no cômodo seguinte, parou diante da única tela que lhe pareceu menos perturbadora: *Amor e dor*. Nela, um homem era envolvido calorosamente por uma mulher em um abraço. Almejou aquilo para si. Fechou os olhos e sentiu o frescor de um perfume que tomava conta de todo o ambiente, acendendo um desejo antigo que há muito não vivenciava. Uma respiração acariciou sua nuca, ao passo que sonhava acordado e experimentava uma epifania extasiante. Abriu os olhos na esperança de haver alguém para dividir as impressões. Girou o corpo e contemplou uma presença do outro lado da sala, em frente à tela que o atraía para aquela visita. Um corpo feminino, com os cabelos na cor da papoula de Svalbard que desciam espádua abaixo, reluzia. Antes de ver seu rosto, ouviu as modulações da voz dela solfejando um cântico improvisado, o *tulling*, e a recebeu melodiosamente sem reservas em seu coração. Uma aura de alumbramento o envolvera pela familiaridade etérea, fazendo-o lembrar os encantados da jurema de sua terra natal. Coração acaso dá consolo a desejos não realizados?

A nobre dama continuava de costas, exalando aquele cheiro que o deixava cada vez mais desnordeado, atraído, sedento e... fiel devoto. Agora a voz irradiava pelos quatro cantos da sala, entoando *O grande sono*, uma canção folclórica que tomou o espaço como uma névoa fina. Ele ouvia em transe a voz se multiplicar, em camadas, alcançando alturas enlouquecedoras. Quis gritar, mas seu corpo não mais o obedecia. O sangue dele, contudo, percorria a tenra carne em alucinante corrida, dilatando as veias, a pulsação, a respiração... O pobre homem suava sangue, ao mesmo tempo em que a sua alma se debatia nas paredes do corpo completamente impotente.

Foi então que a criatura sibilante, em forma luminosa, tornou-se três vezes mais longilínea e girou na direção do homem. Este contemplou horrorizado as duas metades do rosto de Hela,

filha de Loki: uma era límpida e cândida como as gramas de algodão ártico tão presentes na região; a outra, em decomposição, exalava uma ferocidade implacável e impiedosa. A deusa do mundo dos mortos mirou-o nos olhos, abraçou-o e o arrastou para dentro do quadro *O grito*, sua nova morada. Despediu-se daquela alma aprisionada laconicamente: “Jamais contemple o abismo por muito tempo, se não estiver preparado para que ele olhe para você...”. Depois voltou para a recepção do café. Na TV local, uma lista de pessoas desaparecidas na nevasca era mencionada. O nome do pesquisador brasileiro radicado em Zurique estava nela.

Ó MÃE NOITE, ABRACE A MINHA ALMA...

Na primeira vez em que ele cochilou no mar, foi acordado por um movimento brusco que provocou uma inclinação no barco mais que o normal. Teve a sensação de que a embarcação estava afundando nas águas do Pacífico. Pôs-se de pé e inclinou a cabeça na direção das águas. Viu uma sombra assustadora sumir nas profundezas do mar. Por um momento, achou que tudo não passava de uma miragem, devido ao sol do meio-dia. O Japão não era o mesmo da época de seus pais. Estava sofrendo com as mudanças climáticas. O dia quente causava-lhe alucinações.

Pertencia a uma família de pescadores experientes e isso nutria nele um sentimento de segurança e vaidade. Conhecia a linguagem secreta do mar. Sabia a hora de ir como também de voltar apenas pelo movimento das ondas e dos ventos – estes últimos, seus porta-vozes, orientavam o momento necessário à mudança das rotas. Quando não há escuta, as brisas saem de cena e deixam os tufoes resolver. Acontece que os homens não são feitos para a derrota. Podem até ser destruídos, mas jamais derrotados. São conquistadores por excelência.

Sempre que o jovem Ichiro voltava para a pitoresca Vila Ine-cho, a vila das casas de barco, situada às margens da Baía de Ine, na costa norte da província de Kyoto, trazia peixe fresco e histórias de pescador. Inventava aventuras só para ver os olhos dos seus consortes brilharem, além de compensar aquela calmaria. De sua casa-barco, podia-se ver o contraste entre o azul do mar e as tradicionais casas de pescas alinhadas na encosta.

Mesmo com tudo isso, sonhava com um mundo macio e silencioso e esse era o seu segredo para abastecer de imaginação os seus

dias serenos, como também de resiliência para aguentar longos períodos acordado no mar. Se ele dormisse na madrugada dentro do barco, aquelas águas o desviariam da missão. Uma distração nas águas do Pacífico era muito arriscada.

Dez anos se arrastaram até aquele 22 de dezembro que surgiria para mostrar a força da natureza. As transitórias sakuras, cerejeiras de inverno, eram sinal de que, ao toque mais forte do vento, eram levadas desse plano. O vizinho, senhor Tomoji, mais velho e mais vivido, tentou fazê-lo desistir de ir ao mar naquele dia. Porém o jovem ofendeu-se, achando que o velho desafiava seu conhecimento. Aquilo o deixou irritado e interferiu em sua intuição, agora distraída, de forma que o acaso o pegou pela mão, conduzindo-o como um menino na direção das águas. A pequena vila jamais poderia ser seu universo último, pois o mar sempre aguardava a sua partida.

Ignorou o conselho do ancião, enquanto uma névoa enchia, aos poucos, o lugar de melancolia e mistério. Devotou cinco minutos à cerejeira de inverno, pois que, ao voltar, poderia não mais encontrá-la florada. Tocou-a de leve e, de repente, viu-se conversando com aquelas frágeis folhas. “Adeus, frágil sakura” – disse ele em um tom lúgubre.

Curvou-se para levar o material necessário até o barco. Os molinetes tilintavam junto à tarrafá. Ele separava um a um com uma cautela de quem está a levar algo precioso numa missão. Separou as mais resistentes varas, as linhas e o alicate de contenção. Por fim, exagerou na quantidade de iscas. O barco era uma isca gigante.

Respirou compassadamente, vestiu-se de noite para contemplar fixamente o vai e vem das ondas, guardiãs das partidas e dos retornos. Levou aos lábios um amuleto que herdara do seu falecido pai, solfejou uma canção a Fujin, pedindo em espírito que ele amainasse o mar e clareasse a neblina antes do amanhecer.

Enquanto içava as velas, fitando o ruidoso mar, lembrava-se de coisas tão inerentes àquele momento no qual dispunha de sua

própria companhia. Ali, sob as tantas camadas de tecido, o homem e sua consciência. Ria sozinho ao pensar sobre um dito popular que lhe ensinaram desde pequeno, o qual dizia que os homens fraquejam muito mais pelo que veem do que pelo que ouvem. O mundo real bem seduz pelas janelas da alma; mas o mundo ilusório penetra pelos ouvidos sem nem percebermos e, quando menos esperamos, já fomos fisgados pelas narrativas caudalosas...

A ironia disso tudo é pensar que também somos peixes no anzol lidando com uma verdade: toda viagem carrega consigo o risco de desistência, ou de naufrágio. Durante uma travessia, cada homem se embriaga à sua maneira. O que dizer dos tripulantes da Argos, quando aportaram na ilha dos lotófagos, fisgados pelo anzol do tempo, perdendo a noção? Ou a nau de Odisseu, cujos homens foram fisgados pela beleza de Circe, permanecendo naquela ilha onde um ano parece um dia? Os deleites humanos, sozinhos, entornam até a vela dos barcos.

Perdido em suas digressões, não viu que o barco havia se afastado muito da rota dos peixes. Nem a awamori, um destilado de arroz que recebera de um amigo de Okinawa na ocasião do enterro do seu pai, ajudou a passar o frio. Recolheu-se à cabine e acabou adormecendo, vencido pelo cansaço.

Ele dormia profundamente, quando, debaixo do sono, ouviu distante uma voz chamando-o: “Dá-me de beber”. Era um sussurro divinamente melodioso ao pé do ouvido. Permaneceu entregue ao sono, sentindo um calor agasalhá-lo em um sonho bom.

Novamente afagando-o, a voz pediu: “Dá-me de beber, pois tenho sede”.

Na terceira vez em que ouviu, o pedido em forma de cântico estava mais próximo, fazendo o jovem abrir os olhos, buscando a fonte de onde emanava o som e, agora, o brilho que tomava conta do barco, ofuscando-o. O viço no movimento daquele corpo luminoso, juntamente com aquela vocalização, içava-lhe os sonhos e um

desejo indescritível que podia ser sentido pela onda de calor que se apoderava do local. As ondas estavam completamente domadas, como prestando reverência ao ser luminoso que se assemelhava a um sítio tão brilhante quanto ardente. Parecia que um pequeno pedaço do sol havia emergido das águas, dissipando todo o frio daquela estação do ano.

Como não conseguisse contemplar o corpo luminoso, a voz maviosa entoou um cântico, pedindo que ele mantivesse os olhos fechados. Ela caminhava com o vento sobre as águas na direção do barco. Era uma polítrona, isto é, um ser de muitos lugares, cujas viagens nas águas aprimoraram o seu olhar, forjando nela uma capacidade singular: a arte da distração. Sabia não só manipular esquecimentos como também plantar novas memórias.

Um cheiro inebriante de jasmim tomou conta do barco. Ela convenceu o jovem a manter os olhos fechados para que não cessasse. O corpo luminoso aproveitara um momento frágil de Ichiro. Envolveu-o em seus braços, aquecendo-o ainda mais. Seus lábios percorreram as carnes do jovem, farejando e levando um fogo divino sobre a pele. Entregue aos lábios cariciosos, pela primeira vez ele se sentiu à deriva de si mesmo. Contemplando a galopante respiração de Ichiro, os braços de Ningyo aumentaram de tamanho, envolvendo todo o corpo. A luz intensa o impediu de contemplar o torso e o rosto variando entre humano e peixe.

Enquanto atava a sua presa em uma cadência embriagante, seus dedos longos ostentavam garras afiadas e brilhantes, recém-saídas daquelas escamas douradas. Da sua cabeça levemente deformada, irrompiam os chifres e seus dentes cada vez mais proeminentes. No ritmo das águas, era sinistra, demoníaca, fáustica. Suas garras foram crescendo, crescendo e aprontando-se para fatiar a succulenta carne de Ichiro.

Naquele instante, em um sobressalto, Ichiro foi sacolejado pelo movimento do barco, acordando atabalhado. Não passava de

uma carne trêmula fígada por um pesadelo kafkiano. Esperou a respiração voltar ao normal. Já reconstituído, pensou o quão tolo foi por não ter conseguido manter os olhos abertos.


Acordados, os homens não matam as estrelas e a lua por não as alcançarem com seus anzóis e redes. Já os peixes... Mas naquele aviso quem estava no anzol era Ichiro. Ficou à deriva, no mar.

Outros pescadores já estiveram naquela rota – sobre a qual poucos sobreviventes já haviam alertado evitar. Seus desejos eram empoleirados pela luxúria de Ningyo, enquanto o cântico dela embaçava rotas de fuga. Como pode uma mesma pessoa ser metade amor e metade perfídia? Naufragando as madrugadas, ela impedia os pescadores de amanhecer. Os únicos sobreviventes daquele ser híbrido eram os filhos de ex-combatentes que lutaram na Guerra Sino-Japonesa. Quando crianças, haviam perdido a audição mediante tortura para entregar seus pais. Muitos se tornaram pescadores, indo morar na Vila Ine-cho. Seu vizinho, o senhor Tomoji, era um deles.

Sozinho e sentindo uma leve aflição, vestígio do pesadelo, Ichiro ergueu os olhos na direção do céu e clamou: “Ó mãe Noite, abraça a minha alma...”.

Como resposta à sua prece, uma calma transitória aportou em seu coração e nas águas ao redor enquanto ele aguardava os primeiros raios do sol. Daquele completo silêncio, surgia um hipnótico cântico chamando-o para si. Era Ningyo, a sereia, soberana das águas do Pacífico.

O ÚLTIMO DIA DE UM HOMEM

enho apenas algumas horas, as últimas da minha vida, na verdade. Não vou usá-las para tentar algum tipo de barganha ou comoção para mudança de sentença. Reconheço a gravidade do que fiz. Não busco clemência. Apenas não gostaria de que me esquecessem. Essa tarefa ficará em suas mãos, caro leitor.

Sou Sergei Pankejeff, um homem de 23 anos que não sabe lidar com o menino que um dia foi. Aliás, sou assombrado por ele em sonhos. Hoje sei bem o que é amor, o que é dor e o que é fuga. A maturidade vai nos mostrando quem em nossa vida é conto, romance ou poesia. O grande desafio consiste no ato de conhecer a si mesmo, situação que pode se arrastar por uma vida inteira. Para mim, isso aconteceu diante de um padre exorcista que trabalha com regressão a vidas passadas e hipnose. Não acredito que deixamos este mundo sem antes obter respostas sobre nós mesmos. Alguns têm medo do que encontrará dentro de si, mas eu não. No fundo, eu ansiava por isso.

No período da lua cheia, repetidamente tenho o mesmo sonho no qual sou uma criança de precisamente quatro anos e meio. Reproduzo a seguir: eu sempre estou olhando para a janela do quarto, que se abre sozinha, revelando um inverno rigoroso, e uma enorme nogueira sobre a qual é possível ver seis ou sete lobos totalmente brancos, com grandes rabos – à semelhança das raposas – e orelhas que se mexem como as de um cão. No sonho, os predadores estão quietos, mas olham insistentemente para mim. Acordo em pânico, entre gritos, às vezes pronunciando frases incompreensíveis, até ser sacudido por alguém do mundo real.

Nesta madrugada do dia da minha morte, com a lua no céu em seu máximo esplendor, acaso seria diferente? O sonho e os gritos só cessaram quando fui sacudido pelo meu carrasco, às 3 da manhã, até entender que eu estava de volta à realidade segura, longe daqueles lobos de olhares fixos. Posicionei o terço nas mãos, beijando este meu companheiro diário com o qual mantenho uma ligação obsessiva várias vezes ao dia desde os meus 10 anos de idade.

Em seguida, segurei firme nos braços, pela última vez, a Epopeia de Gilgamesh. Ri aliviado quando vi a página marcada no trecho que guarda um segredo da deusa Ishtar, rejeitada por Gilgamesh. Dentro da narrativa mais antiga do mundo de que se tem notícias, aprendi que até mesmo um guerreiro carrega suas fobias. Eu e o protagonista temos um medo exagerado em comum, envolvendo a figura do lobo. Preciso admitir que a obra causadora de repulsa também exerce sobre mim um fascínio na mesma medida. A verdade é que, ao final deste dia, somente as obras permanecerão vivas: a Epopeia e o meu diário.

Estaquei diante das grades como um tímido cão pacientemente à espera dos primeiros raios de sol enquanto o vento brincava com os meus cabelos. O dia em si passou implacavelmente veloz junto com um filme da minha vida, como se tudo coubesse em um parágrafo de um conto...

Recordei as duas Rússias alternadas em minha vida: a que exhibe a floresta repleta de faias, nogueiras e carvalhos e aquela onde não cresce vegetação devido às baixas temperaturas. Inevitavelmente, isso me lembra do meu pai que, antes de cometer suicídio, ora externava um comportamento frívolo e hiperativo, ora se fechava em si mesmo, rosnando em monossílabos. A essa lembrança, juntou-se a da figura materna da mulher que me deu à luz, sempre preocupada com a beleza física, enquanto um dos cunhados dela vivia como um bicho selvagem entre os animais do celeiro e o outro cunhado ficara conhecido pelo escândalo protagonizado no dia do

noivado do filho, ao tentar obrigar a noiva a casar com este. Lembro-me do noivo, meu primo mais velho, que padecia de delírios de perseguição. Nessa época, eu só tinha quinze anos, idade na qual perdi a minha irmã, dois anos mais velha que eu, vitimada por suicídio. Encerrei, portanto, o ciclo cinematográfico de lembranças com a rejeição da minha babá ao meu convite para me iniciar na arte do amor, que tentei canalizar para ela pela impossibilidade de concretizar com o sangue do meu sangue. O sol se escondeu por completo.

Aos 17, finalmente, depois de um período obscuro de minha vida, pude me permitir viver de fato. Não era justo nem real comigo encontrar-me secretamente na casa de caça abandonada, nos dias mais saudosos, com o corpo sem vida e gélido de Anna que, na minha mente enlouquecida, era quente feito a lareira.

Só a esqueci quando conheci o prazer pelas mãos da polaca Catarina, nome de guerra na clandestinidade. Ninguém sabia ao certo seu nome de batismo. Foram seis anos de puro prazer como se não houvesse amanhã, até que o amor me feriu de morte. O pesadelo começou exatamente quando meu corpo foi fustigado pela *Neisseria gonorrhoeae*, que tornava as dores mais circunstanciais, fazendo com que eu me sentisse como uma ovelha indo ao matadouro. À medida que era seviciado pelas dores pélvicas, nutri um desejo estranho contra aquela a quem havia devotado tamanha fidelidade. Com o tempo, nem era o sexo que me prendia a Catarina, mas a semelhança a Anna, uma cópia perfeita. Até em histeria, encarnada e esculpida em Carrara.

No ano da minha prisão, final de 1917, as perspectivas de vida eram poucas: ou se morria antes dos vinte pela guerra, ou de fome, ou de peste branca. Mas comigo foi diferente. Eu herdara uma fortuna do meu abastado pai e uma gonorreia de Catarina uns anos depois. Ela, por sua vez, levava a vida de forma livre, já que os sintomas não se manifestavam nela, mas eu me sentia preso aos que efervesciam evidenciados na minha carne. O desejo ardia em

mim ao tentar urinar. Minha fortuna herdada nada podia fazer para reverter o quadro. O jeito era procurar as opções paliativas no mercado. As dores intensificadas faziam de mim um misantropo, um casmurro. E aquele sonho... aquele sonho com os lobos era uma tortura chinesa em minha alma. A dor sempre forja o homem. E as narrativas, também. Foi na dor que conheci a história grega de Licaon. Quando a loucura se transforma em ideia fixa, acaso o enlouquecido pensa nas consequências? Se repararmos bem, toda dor e toda narrativa oferecem um banquete de ações aos olhos de quem sente, mas não sem uma consequência.

Os dias se passavam e, mais recluso, eu transformava a minha casa em um templo de abate para consagrar a minha vingança. Atraía mulheres de vida livre, alimentava-as – era uma época muito difícil em virtude da Grande Guerra –, aquecia-as, ganhava a confiança, até decidir sacrificá-las, cortando seus pescoços e mutilando suas genitálias. Espalhei os corpos pela cidade como um ritual. Uma paixão quase febril se apoderou de mim a ponto de não mais esperar para ganhar a confiança delas. Era meu remédio controlado: um corpo por noite, três vezes por semana, colhidos como flores do campo.

As famílias não davam falta de suas ausências, pois já tinham banido as filhas que abraçaram esse caminho. Apenas as amigas que partilhavam a vida, os quartos e os clientes, reiteradamente estavam às portas do departamento de polícia, prestando queixa sobre o sumiço de mulheres, já invisibilizadas pela profissão que escolheram exercer. Os corpos apareciam, espalhando pavor e suscitando um tipo de compaixão que jamais pensei que a sociedade russa tivesse para com essas mulheres, em geral estrangeiras.

Como para todo Licaon existe um Zeus, meus dias como assassino de mulheres não tardariam muito a acabar. É sabido que o caminho mais curto para o tombo é a soberba. Achando pouco a farra dos corpos, fiz amizade com o chefe de polícia, achando-me o

próprio Raskólnikov. Quis mostrar um estado de superioridade até financiando as buscas da polícia. Cheguei ao cúmulo de convidar o chefe da investigação para um jantar em meu lar, onde seria servida uma iguaria inigualável. Também convidei o padre. Eu flertava com a possibilidade de encontrar um caminho viável para o perdão. Não sabia que o religioso trabalhava com exorcismo, hipnose e regressão a vidas passadas.

Chegado o dia do banquete, que esbanjei em plena Revolução de Outubro, encontramos os três. Bebemos a melhor vodca, bebida dos czares; comemos e fartamo-nos de uma carne macia, nova e succulenta. Os meus convivas tentavam arrancar minha receita com elogios rasgados. Mas me mantive firme. Um chef nunca revela seus truques.

O álcool foi nos soltando das convenções sociais até que começamos a conversar sobre sonhos e pesadelos. O investigador mencionou os casos não solucionados das pobres mulheres. O padre assegurou que colaboraria com a polícia, caso alguém levasse pistas ao confessor, passando por cima do juramento que fez à Santa Madre Igreja. Ah, a vodca russa é a mãe de todos os males!

Silêncio na sala. Eles me olharam com expectativas, aguardando minha contribuição narrativa sobre sonhos e pesadelos. Do alto da minha segurança, tendo minha reputação intacta, em um momento de displicência, falei sobre o sonho que tinha desde os 4 anos e meio de idade. Em narrativa, ponta solta é problema. Eu nem tinha percebido que acabava de soltar um fio da minha história, mencionando que o quarto dos meus sonhos era um dos cômodos da casa onde estávamos. Foi então que o padre sugeriu fazer uma sessão de hipnose no quarto. Concordei no calor do momento – não sei se pela força do álcool ou pelo desejo de achar uma solução para todas as dores que se concentravam em meu corpo. Afinal, eu era um corpo que alternava dores, dormindo ou acordado. Não seria naquela noite, obviamente. Todos estávamos altos.

Passadas duas semanas, recebi novamente o pároco em minha casa. Só lembro que apaguei quando ele fez uma oração específica. Após tantos anos de enfermidade, pela primeira vez consegui dormir profundamente e não sonhei naquela lua cheia. Quando acordei, o comissário de polícia estava a minha espera, para me levar preso. A casa estava em alvoroço, com muitos praças entrando e saindo. Eu não entendi nada. Sustentado pelo frágil fio da soberba já prestes a se partir, cinicamente ainda pedi explicações sobre os motivos pelos quais eu estava sendo preso. O que me respondeu de pronto foi o horror, o inteligível horror nos rostos dos policiais dirigidos a mim. Era como se eles também enxergassem os lobos.

Ao cruzar a soleira da porta, vi os restos mortais de um cadáver trazido da casa de campo. Era Anna, ou o que restou dela. Além dele, um corpo mais fresco, preservado pela neve, exalava um cheiro apodrecido do interior daquele sangue há muito ácido. Era Catarina. Conheci pelo cheiro com o qual eu já estava acostumado. Lembrei o momento em que ela deixou de respirar, de sua temperatura caindo um grau a cada hora em minhas mãos, enquanto eu fatiava a carne que seria servida aos meus convidados duas semanas depois. Naquele instante em que os vários tons de roxo sobressaíam na brancura daquela pele tantas vezes já tocada pelas minhas mãos, entre aqueles cabelos de fogo, minha libido aticava-se.

A pedido do comissário, o padre me acompanhou e relatou a caminho da prisão tudo que revelei sob hipnose. Ele falou de uma *cena primitiva* que marcou decisivamente a minha forma de ser e estar no mundo. Eu vira meu pai, um lobo branco, possuindo a minha mãe quando eu tinha 1 ano e 8 meses de vida. Uma fobia animal foi tatuada em minha mente naquele dia, de forma que não conseguia filtrar o que era meu pai para mim: um homem ou uma fera prestes a fazer comigo o que fizera a minha mãe. O amor que senti pela minha irmã, depois transferido para a babá, era fruto de um patológico sentimento de proteção. Contudo o meu desejo carnal aflo-

rante pela minha irmã, quando iniciei a puberdade, era uma reação inconsciente contra as ofensivas dela, que insistia em mostrar imagens de lobos, fazendo-me gritar e correr sem controle pela casa. O padre disse que eu urrava a frase: “Eu não sou ele. Eu não sou ele”. Por fim, disse-me que revelei todos os crimes cometidos com detalhes, finalizando com a descrição da casa de campo onde estavam os restos mortais de minha irmã Anna e de Catarina.

Faltam quinze minutos para me levarem à execução. Meu diário ficará nesta cela fria até que reúnam meus despojos e entreguem para algum familiar. Dá para acreditar que fui pego pelo sonho hipnótico e pela força da narrativa?

CORRIDA EM PARIS

Foram anos de preparação para aquele percurso cru e apertado. Mal cheguei, fui espremida pelas raias, enquanto ouvia o vento trazer como oferenda uma melodia conhecida: o uivo do ventre da concha do mar. Adiante, o horizonte estava todo na linha de chegada.

“Mil cairão ao teu lado, e dez mil a tua direita, mas tu não serás atingido” – disse o reverendo, meu patrocinador e marido, enquanto trazia o meu sapato caro, ornado com um brilhante salto Luís XV, para eu correr na disputa. Tentei enfiar os pés, mas não cabiam. Após anos de casamento, ele ainda não sabia o meu número. Cortei as pontas dos dedos. Resolvido. Meus pés se encaixaram perfeitamente.

Na grade de contenção, máquinas e drones de muitos fotógrafos mostravam os meus sapatos que corriam o mundo num sucesso absurdo, ao vivo. Todas as câmeras, em absoluto, focaram em meus pés. Pés de atleta. *É a parte que me cabe neste latifúndio de homens patrocinados pela Nike com os seus tênis velozes e furiosos* – pensei.

No meio do meu caminho tinha uma maternidade, uma cozinha e duas crianças sentadas, chorando. O redemoinho de vento em meu cabelo e... foi dada a partida. Nem se enganem: tudo o que aqui existe não passa de 100 metros rasos.

“Se prender a respiração, a passada fica mais rápida. Vai, criatura, ser gauche na vida! Se quebrar o recorde, dou uma máquina de lavar no Dia das Mães” – disse meu treinador com o entusiasmo de um triturador de última geração.

Dei o primeiro passo, quando senti uma corrente presa ao meu calcanhar direito. Dei o segundo passo, percebi outra corrente

presa ao meu calcanhar esquerdo, puxando para trás. E na ponta de cada corrente, uma bola de metal piraporeando o chão.

Com a adrenalina nas alturas, canalizei todas as minhas forças. Comecei a ganhar distância, conquistar lonjuras. Dava para perceber pelo barulho distante das crianças chorando, abafado pelas correntes alucinadas, sem controle.

Olhei para trás, vi um imenso rastro de sangue tingindo as raias. Quanto sangue derramado! *“Mas de quem é esse sangue?”* – pergunto a mim mesma, enquanto sigo no páreo.

Pit stop para os meus oponentes: apoio dos amigos, cerveja gelada ao redor, risadas e pagode. Só faltava um sofá. *So far away...* Depois eles voltaram às raias. Continuei firme em meus 100 metros rasos, atravessando desertos medonhos e sentindo a força específica das quatro estações galopando em mim.

Perto de concluir a via sacra, avistei a linha de chegada. Senti tonturas e cólicas menstruais. Eu, um vermelho-mundo. Quantas iguais a mim?

“Corre, criatura! Seus oponentes pararam, até tomaram cerveja gelada e você aí se arrastando! Por que não se fartou? Psiu, ei, não pode tirar o sapato, viu, senão será desclassificada. Tem coisa pior do que mulher desclassificada?” – perguntou entre dentes.

Eu corro, corro, corro. Só corro. Só corro. Só corro.

Os dois homens já estão no pódio, esperando a premiação: primeiro e segundo lugares.

Atado ao suor, meu cabelo desgrenhado me deixou com a cara do meme da Monalisa. Meu patrocinador me surpreendeu a dois passos da linha de chegada, arrancou meus olhos para eu nunca mais olhar para trás. Pegou de volta um osso da minha costela, para eu aprender a correr mais rápido e quebrar recordes. Por fim, arrancou os meus sapatos com tanta fúria que levou meus pés junto, para calçar outra mulher mais jovem e mais veloz.

Eu pedi água. Um anônimo me deu cicuta. Bebi e apaguei com os braços na posição do crucifixo. Há uma luz muito forte que não me deixa ver mais nada ao redor.



Este livro foi composto em Bell MT e Edo SZ e impresso
em cartão Duo Design 250g/m² (capa), Pólen Bold 90g/m²
(miolo) para a Editora CJA, em maio/2025.